PRAZER & INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

ele e ela

ANO XI/SETEMBRO DE 1979/N.º 125/Cr$ 50,00/AMAZONAS, ACRE, RONDÔNIA E RORAIMA (VIA AÉREA) Cr$ 62,00/PORTUGAL ESC. 50$00

Reportagens

Sinuca, um jogo onde otário não tem vez

Os olhos e ouvidos da noite de São Paulo

Pesquisa

Relatório Barão: O sexo pelo telefone

Perfil

Um bruxo chamado Hermeto Pascoal

Ficção

Um conto de humor de Fernando Sabino

Entrevista

Quatro horas com Dias Gomes

Erotismo explosivo

A eleita de Bob Guccione

As novas ninfetas de David Hamilton

A loura dos seus sonhos

Ele e ela ao ar (muito) livre

uma publicação bloch

Venda proibida para menores de 18 anos

6 forum

12 cartas

20 entrevista
Dias Gomes: "Penso em sexo dia e noite"

Vitorioso como homem de teatro — *O Pagador de Promessas* e *O Rei de Ramos*, por exemplo — e famoso como autor de novelas — *O Bem-Amado* e *Saramandaia*, entre outras —, Dias Gomes fala a ELE ELA sobre sua vida, seu método de criação, seus personagens, sua atividade política e sua paixão pelo sexo. Por Ana Lúcia Bizinover, Wilson Teixeira Soares e Narceu de Almeida Filho.

27 panorama

Teatro (José Guilherme Mendes), Cinema (Paulo Perdigão), Música Popular (João Luiz de Albuquerque), Noite (Barão de Ipojuca), Televisão (José Guilherme Correa) e Ciência (Alberto Rajão).

36 mulher
Joanne, a eleita de Bob Guccione

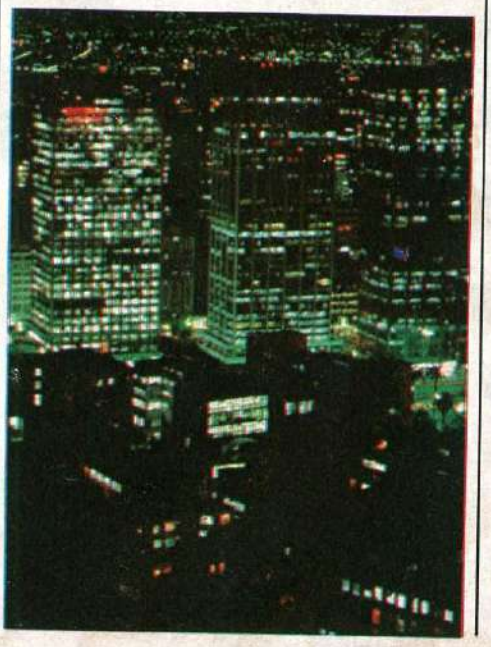
Ela é a estrela principal da edição de 10.º aniversário da revista *Penthouse*. Confira: você vai concordar com a escolha de Guccione.

44 idéias
Luís Carlos Maciel
Marcuse *versus* Norman O. Brown

46 crônica
Rubem Braga
A Voz Humana e a Outra Voz

50 reportagem
Os olhos e ouvidos da noite de São Paulo

Cinco dos mais notáveis *maîtres* e porteiros de casas noturnas paulistanas contam a Júlio Bartolo transas, segredos e comportamentos que acontecem depois do terceiro uísque.



58 pesquisa
Relatório Barão: o sexo pelo telefone

Léo Borges Ramos publicou um anúncio oferecendo-se como *amante de plantão* — e agora revela algumas das histórias incríveis em que se meteu.

70 ficção
Um conto de humor de Fernando Sabino

Em *O filho da mãe*, o consagrado escritor mostra sua veia cômica em excelente forma.

76 mulher
O esplendor de Susan

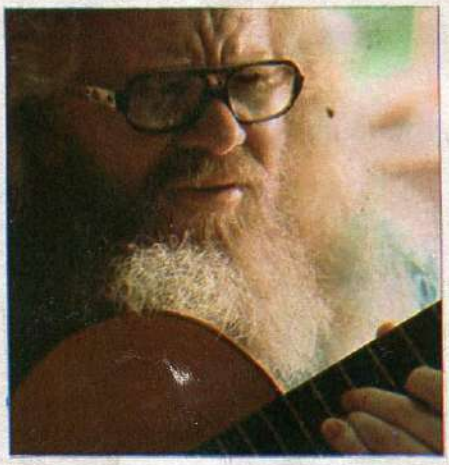
Ela é loura, é linda e não tem qualquer timidez diante das câmaras. Fotos de John Copeland.

ele ela

86 música

Um bruxo chamado Hermeto Pascoal

Ele foi a sensação maior do último Festival de Montreux. Em sua casa cheia de gente e de música, seu perfil, suas histórias e seu *clima* muito louco foram levantados com sensibilidade por Ana Lúcia Bizinover.



94 erotismo

O sexo nos livros sagrados

Com fartura de informação, Gastão de Holanda mostra que há de tudo nos textos sacros: amor, paixão, relações sexuais, adultério e até incesto.

100 concurso

A carta que obteve o 1.º lugar no Concurso ELE ELA — Caloi

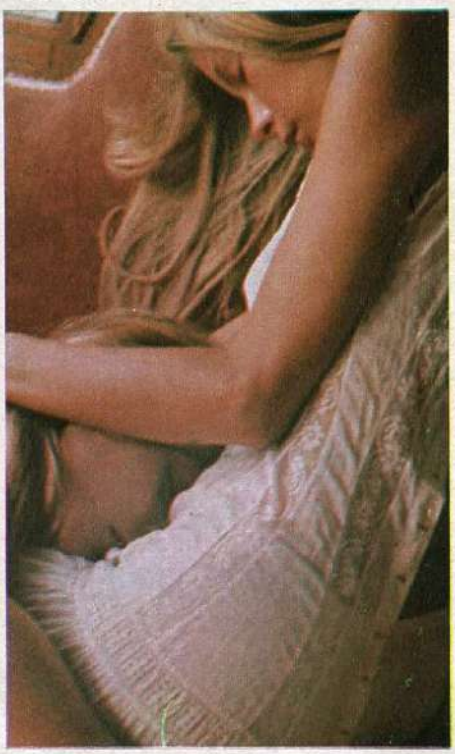
102 internacional

Noênio Spínola

Young: do racismo ao terrorismo

106 casal

Nas férteis terras de uma fazenda, ele e ela se encontraram — e até as árvores estremeceram com a fúria de sua paixão. Fotos de Earl Miller, da *Penthouse*.



114 dicas

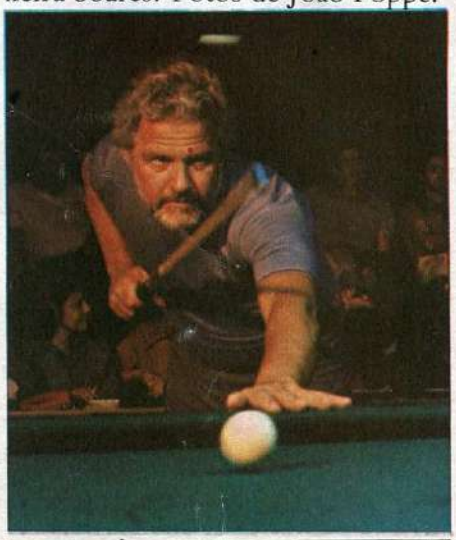
115 panorama

Jazz (Roberto Muggiati), Livros (Mauro Gama), Música Clássica (Maurício Quadrio), Gastronomia (Enrique Renteria), Artes Visuais (Roberto Pontual) e Economia (Marcos Dantas)

124 reportagem

Sinuca: neste jogo otário não tem vez

Em velhos sobradões, e até em clubes de luxo, os tacos-fortes continuam depenando *patos* e *pregos* e contando histórias. Por Wilson Teixeira Soares. Fotos de João Poppe.



132 mulher

As novas ninfetas de David Hamilton

140 vida

Artur da Távola

As voluntárias do sexo

144 horóscopo

146 cruzadas

Capa: Luíza Brunnet
Foto de Nílton Ricardo
Produção de Cláudio Neves

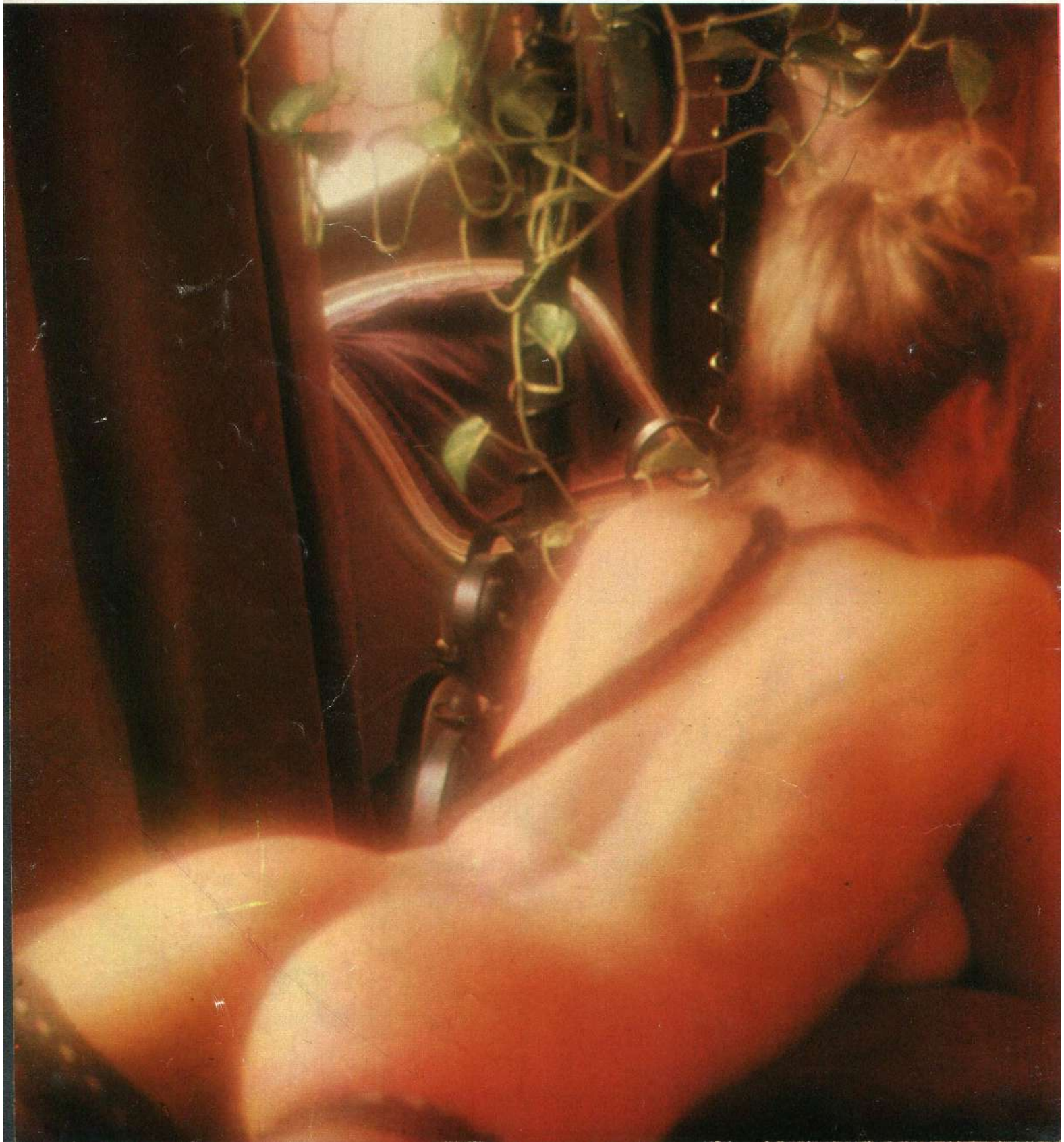
Copyright 1979 Penthouse International Ltd.

JOANNE

mais doce que o açúcar

Fotos de Bob Guccione

Setembro marca o aniversário da revista *Penthouse* Acostumados a saborearem o que há de melhor em matéria de mulher no mundo inteiro, os leitores esperaram, com avidez, a edição especial da revista nas bancas. E foram regiamente gratificados pela espera, pois Bob Guccione presenteara-os com uma explosiva, deliciosa e estonteante loura londrina, chamada Joanne Latham.



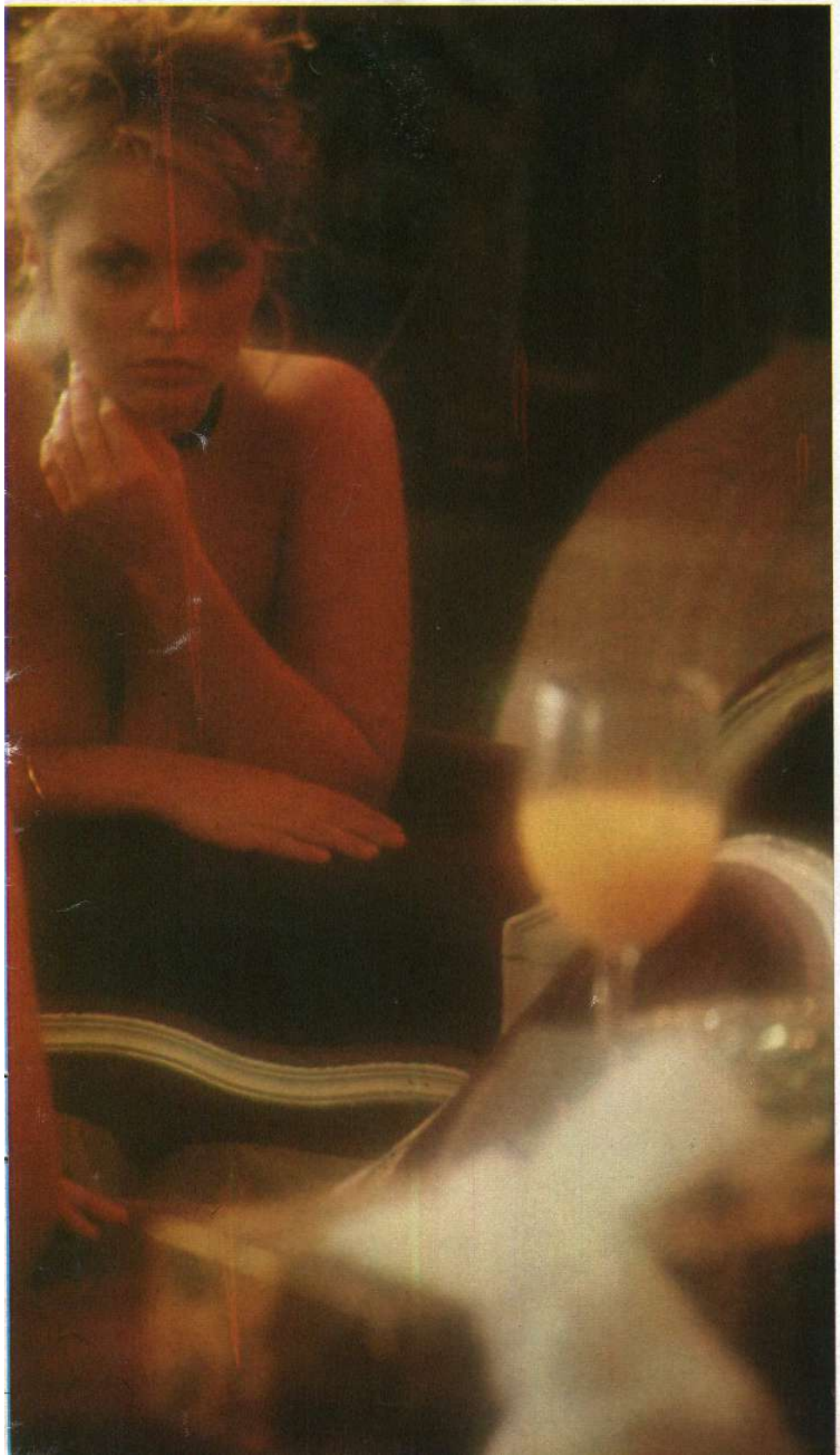
AdultMagazinesPDF.com

FREE DOWNOAD VINTAGE ADULT MAGAZINES PDF

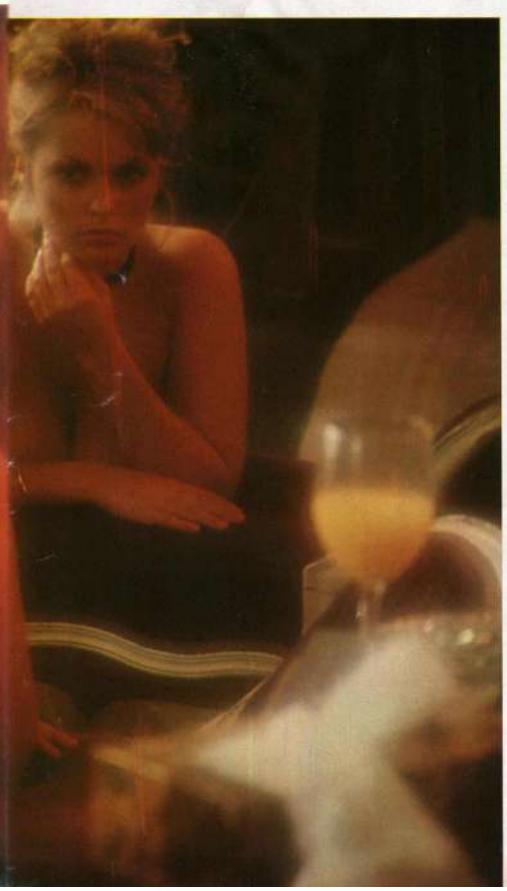
Mayfair, Men Only, Fiesta, Escort, Knave, Penthouse, Playboy, Hustler, Color Climax, Silwa, Razzle, Adam Film World, Gent, Juggs, High Society, Oui, Private, Playmen and more ...!

https://adultmagazinespdf.com/

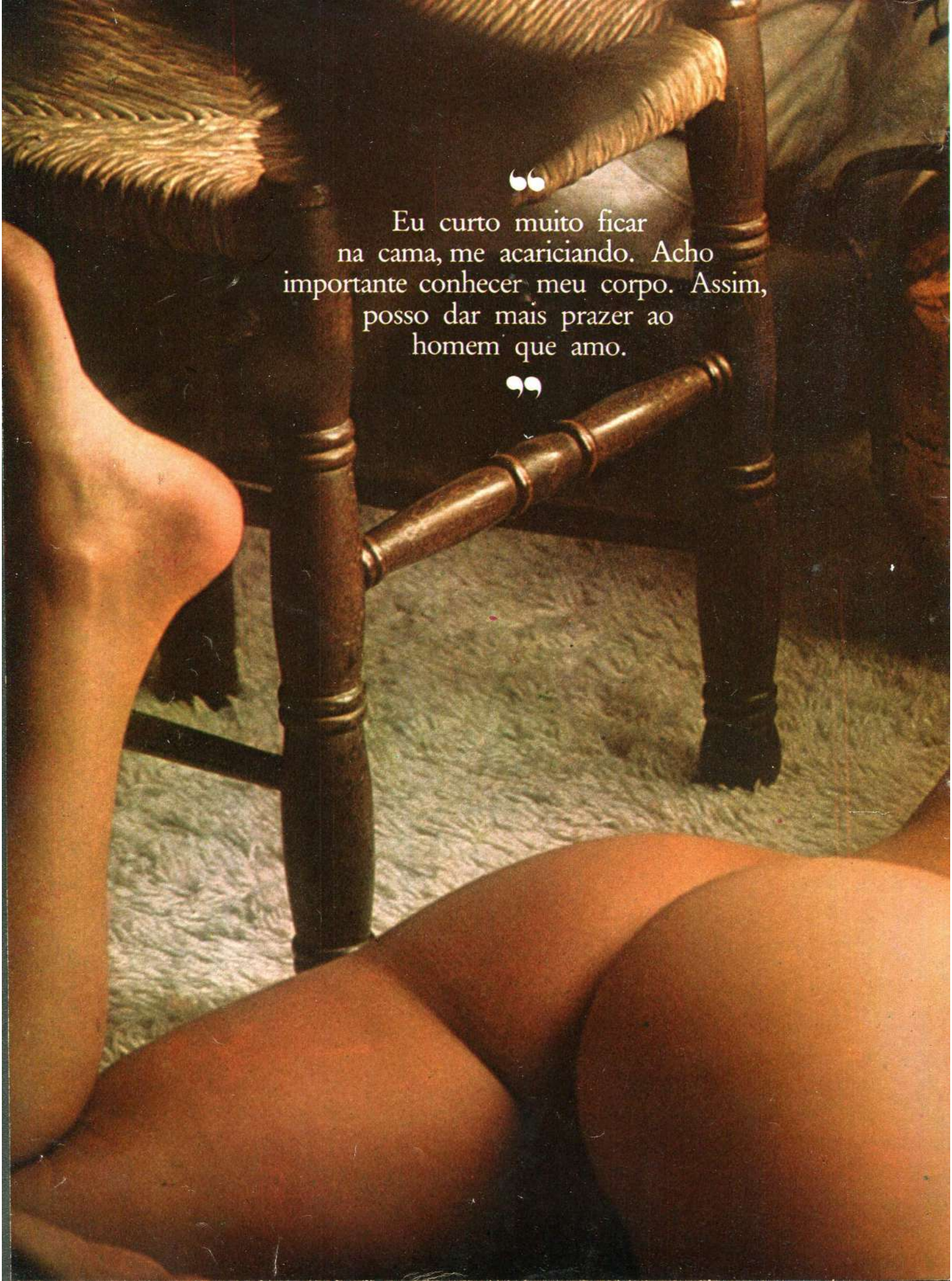
Tudo começou quando Bob Guccione viu algumas fotos de Joanne desfilando numa passarela. Incapaz de resistir à sua estonteante beleza de adolescente, voou para Londres e deu-a de presente ao mundo.



Tudo começou quando Bob Guccione viu algumas fotos de Joanne desfilando numa passarela. Incapaz de resistir à sua estonteante beleza de adolescente, voou para Londres e deu-a de presente ao mundo.



"Um amigo, muito íntimo,
me apelidou de Açúcar, só porque
estou sempre docemente
pronta para o amor"

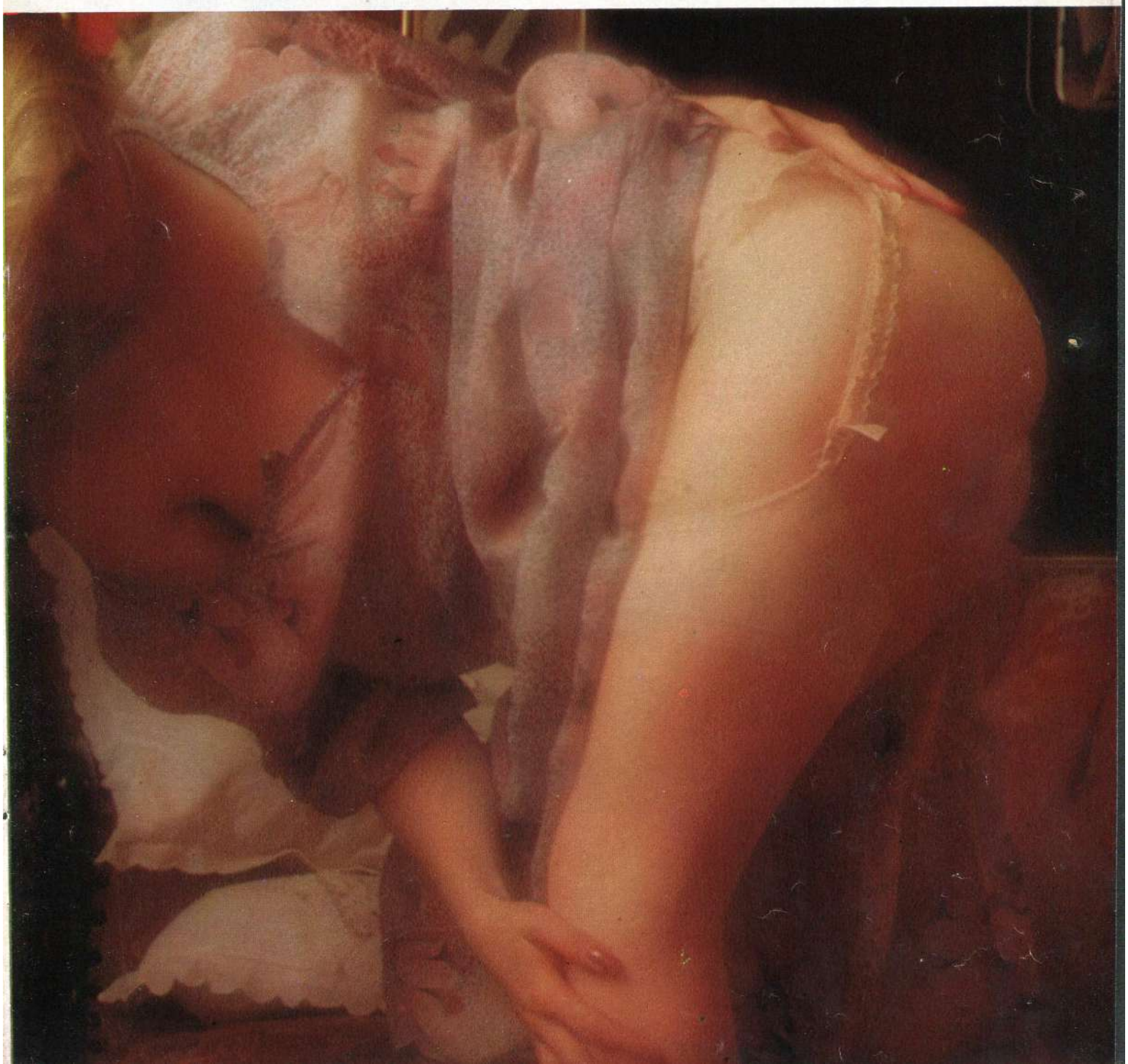

“
Eu curto muito ficar
na cama, me acariciando. Acho
importante conhecer meu corpo. Assim,
posso dar mais prazer ao
homem que amo.
”

“Eu curto muito ficar na cama, me acariciando. Acho importante conhecer meu corpo. Assim, posso dar mais prazer ao homem que amo.”

Fotos de John Copeland/Imperial Press

Os Sonhos de Susan

Esta loirinha diabólica é a mulher do sonho de todos nós. Em seus 19 anos, no entanto, Susan não sonha com ninguém. Aprendeu a curtir a si própria, confessa-se narcisista e diz que só ela sabe proporcionar prazer a si própria.



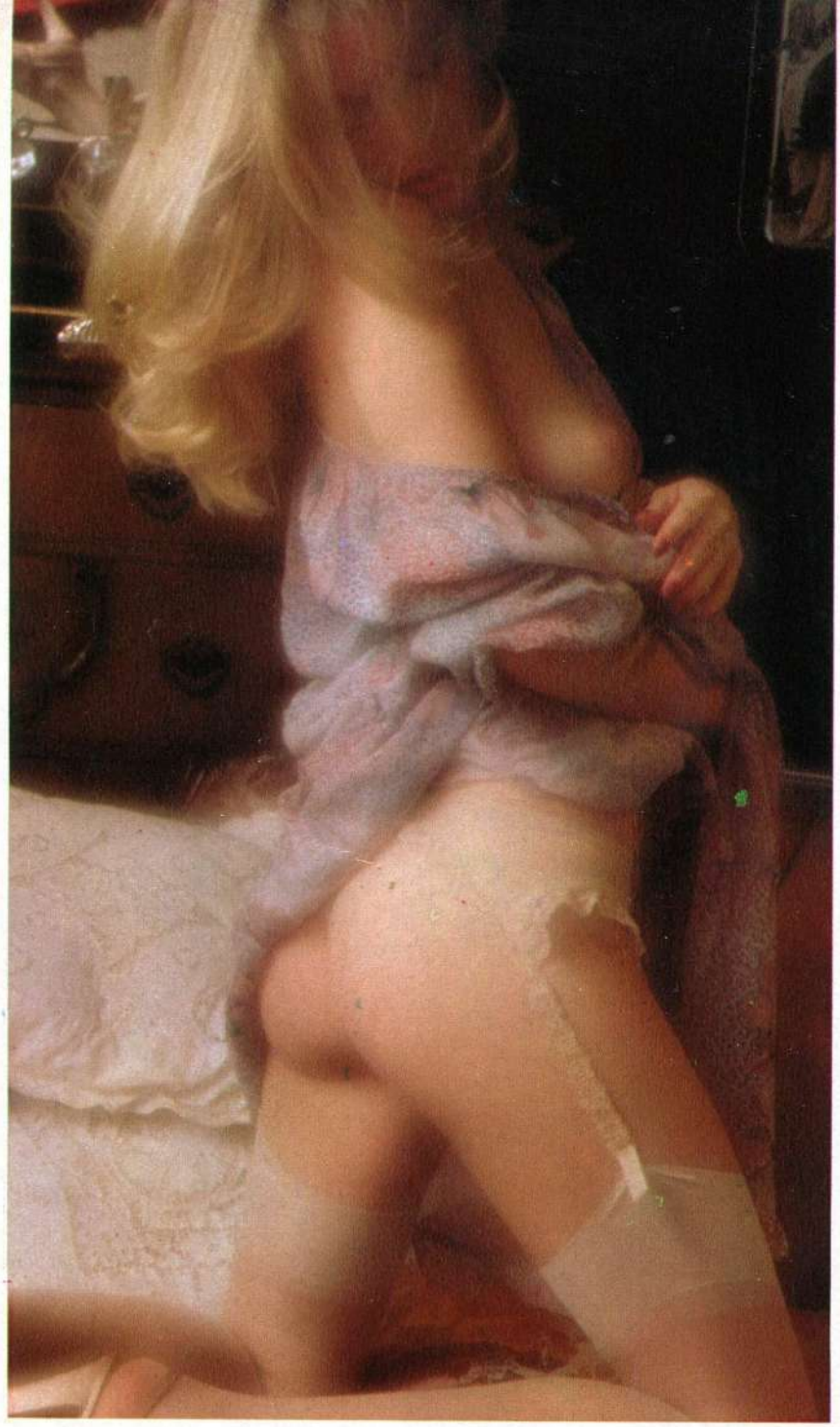
Fotos de John Copeland/Imperial Press

Os Sonhos de Susan

Esta loirinha diabólica é a mulher do sonho de todos nós. Em seus 19 anos, no entanto, Susan não sonha com ninguém. Aprendeu a curtir a si própria, confessa-se narcisista e diz que só ela sabe proporcionar prazer a si própria.

Desde criança, Susan aprendeu a curtir-se diante de espelhos, admirando cada curva de seu corpo, sondando a pele alva, descobrindo a carne quente dos pontos mais sensíveis. E cada

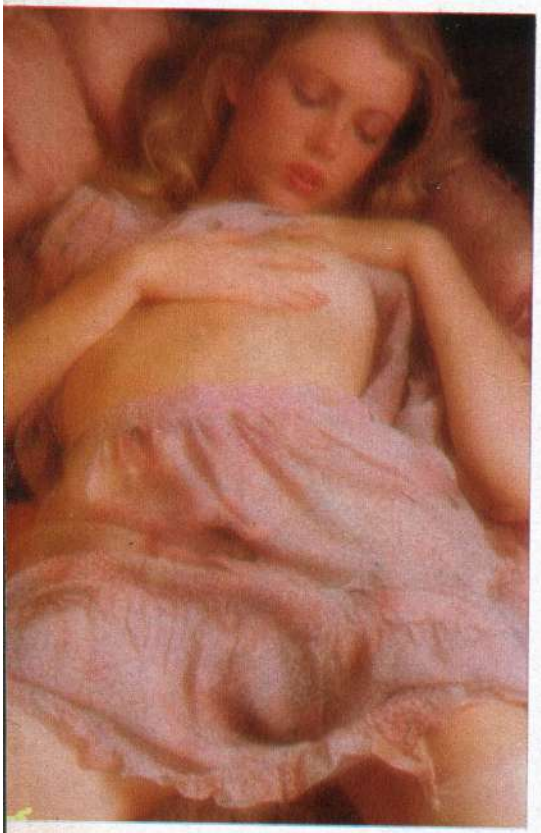
vez que mais se pesquisava, mais encantada ficava com a própria beleza. E isso a excitava a ponto de aprofundar-se na pesquisa de si mesma e de se extasiar com a própria busca.



Quando ela se descobria pela manhã entre sedas e cheiro de sândalos, quando sentia a auréola de seus seios se enrijecer à própria manipulação de seus dedos macios, quando fechava os olhos e percebia a textura de sua boca de menina sedenta, estremecia-se medrosa e ao mesmo tempo mais escrava de seus próprios carinhos.

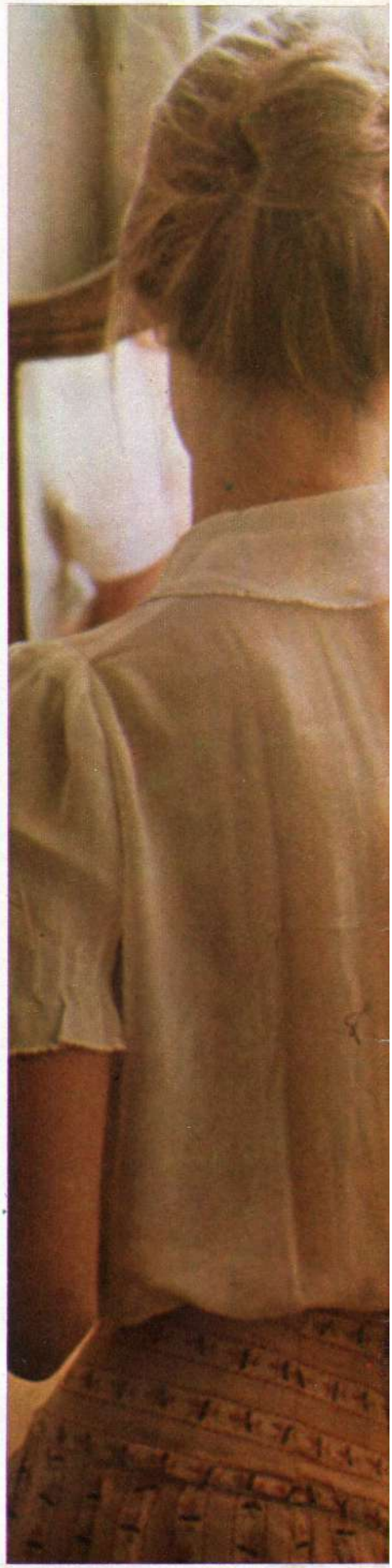
Quando ela se descobria pela manhã entre sedas e cheiro de sândalos, quando sentia a auréola de seus seios se enrijecer à própria manipulação de seus dedos macios, quando fechava os olhos e percebia a textura de sua boca de menina sedenta, estremecia-se medrosa e ao mesmo tempo mais escrava de seus próprios carinhos.

É, até hoje, a cada ângulo que Susan revela a si própria, mais ela se descobre a mulher de seus próprios sonhos, sempre pronta a se



dar e a se receber Por isso, ela, mais do que a qualquer homem, ama a si, a sua beleza, a sua ternura, e não sonha com ninguém.

Fotos de David Hamilton/Image Bank



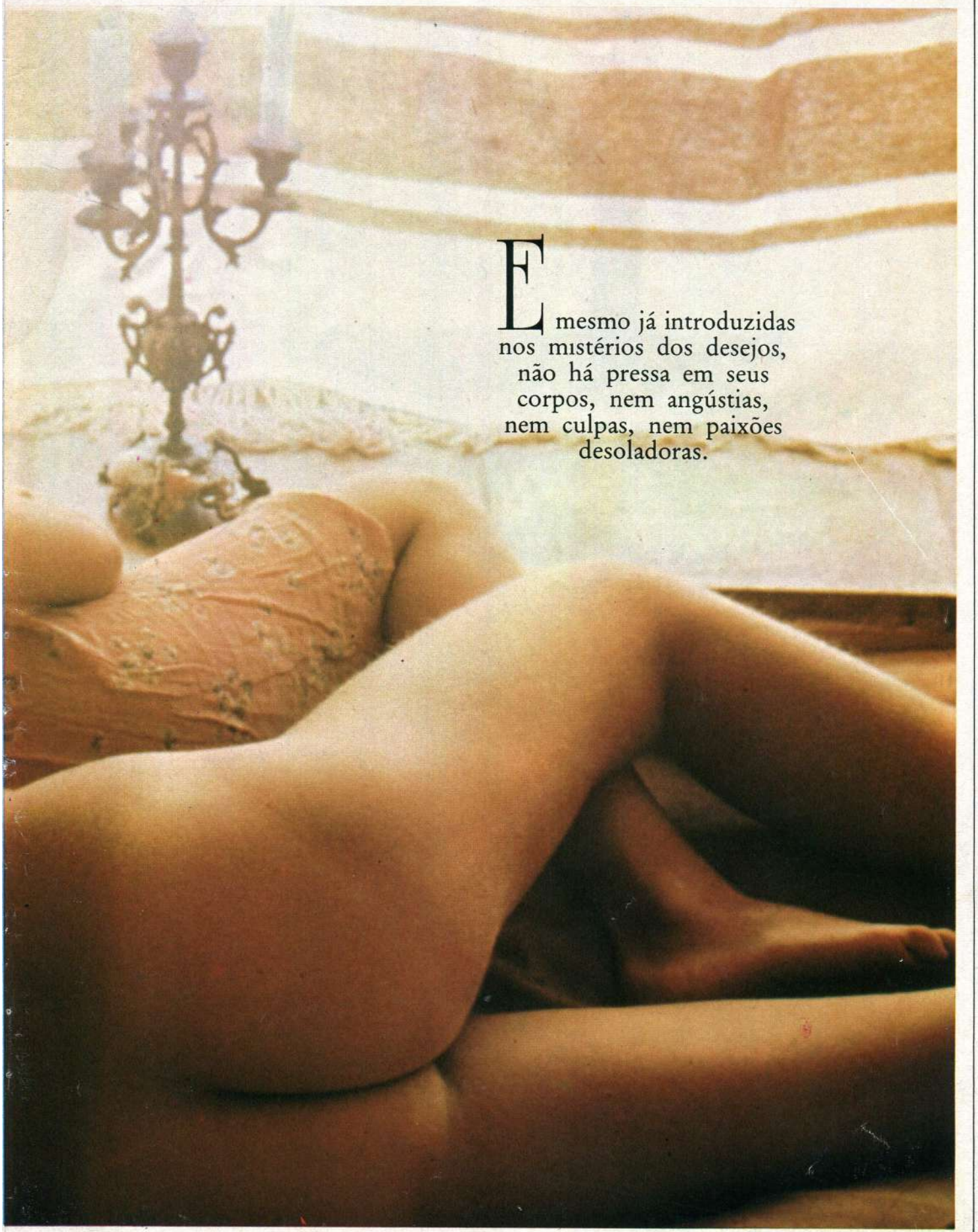
As doces filhas do prazer

Quando as vi, a primeira impressão foi a de ter deslumbrado dois anjos. Um serafim e um querubim. A inocência no olhar, os gestos suaves, a delicada textura das peles. Mas não eram anjos ou fadas. Somente duas meninas angelicais que já haviam transposto o tênue limiar da idade do prazer.

Fotos de David Hamilton/Image Bank

As doces filhas do prazer

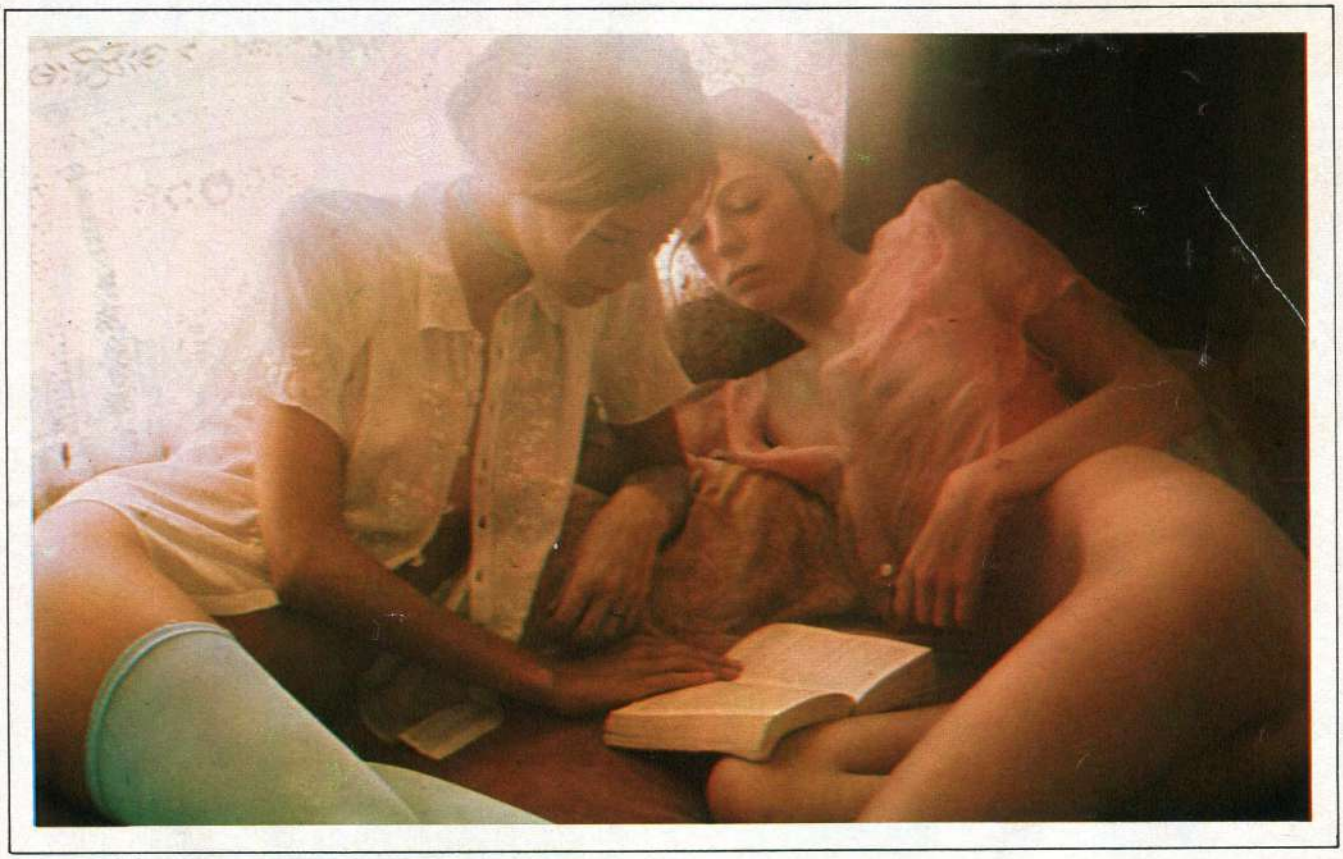
Quando as vi, a primeira impressão foi a de ter deslumbrado dois anjos. Um serafim e um querubim. A inocência no olhar, os gestos suaves, a delicada textura das peles. Mas não eram anjos ou fadas. Somente duas meninas angelicais que já haviam transposto o tênue limiar da idade do prazer.



E mesmo já introduzidas nos mistérios dos desejos, não há pressa em seus corpos, nem angústias, nem culpas, nem paixões desoladoras.

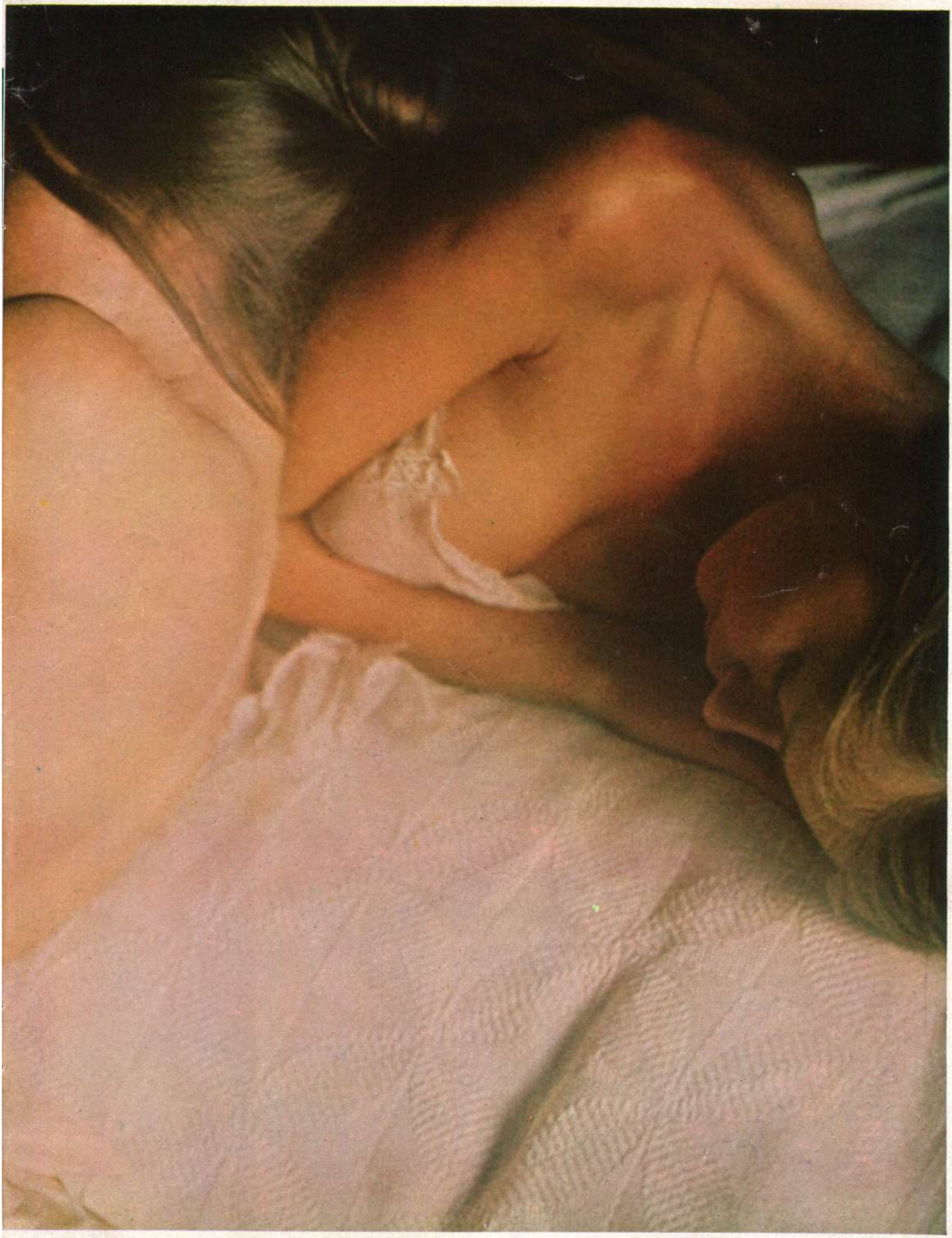
E mesmo já introduzidas nos mistérios dos desejos, não há pressa em seus corpos, nem angústias, nem culpas, nem paixões desoladoras.

As doces filhas do prazer



Assim como o Sol sempre se põe no Ocidente, realizando sua eterna viagem sem pressas nem medos, esses dois seres absolutamente carnais vivem a imatura certeza de dominarem os segredos e os recônditos do tempo. Talvez por isso deliciam-se em fruir os perfumes macios de seus próprios corpos. Cheiros levemente adocicados, como o das peras maduras, a pele verde manchada de tons róseos, a esconderem a tenra carne branca.

E são essas crianças
ternas e meigas a
evoluírem delicadamente
por entre o prazer
enquanto lá fora nascem
a primavera e o Sol, no
Oriente.



E são essas crianças ternas e meigas a evoluírem delicadamente por entre o prazer enquanto lá fora nascem a primavera e o Sol, no Oriente.

Um amor, uma fazenda

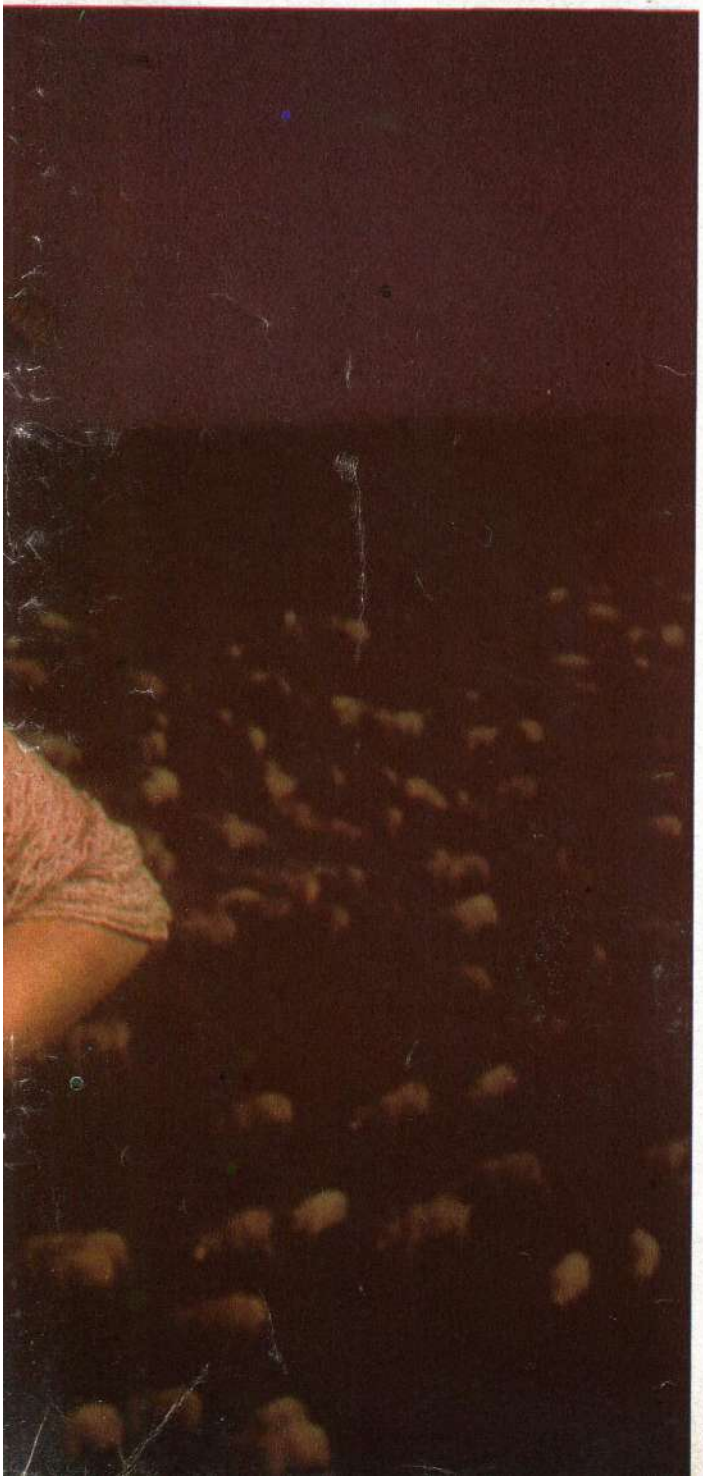
Produção e fotos de Earl Miller

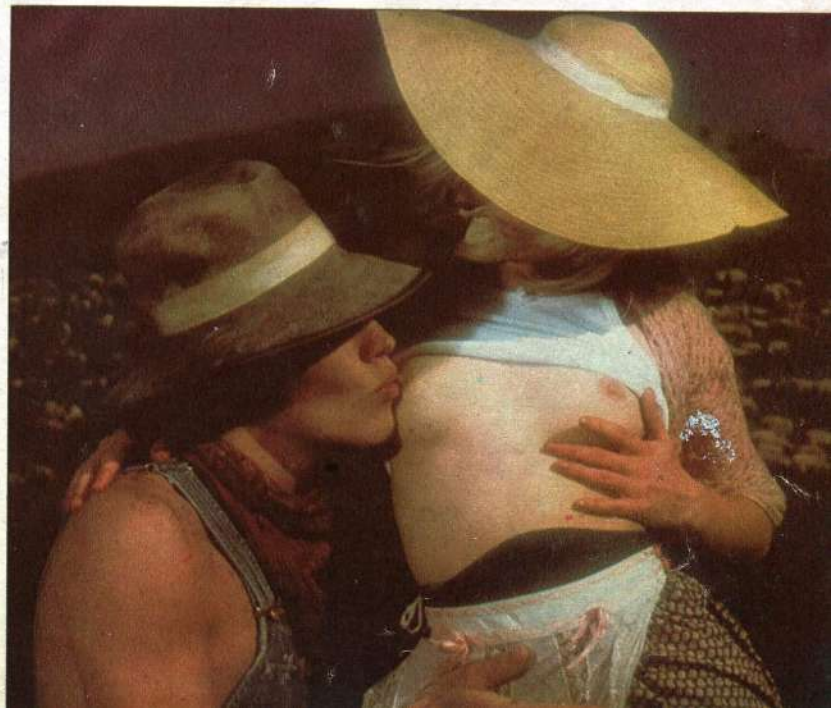
Ele é o filho mais velho de um criador de ovelhas da fazenda do pai dela. E, como na história de Romeu e Julieta, se apaixonaram loucamente um pelo outro. Tal como idealizou Shakespeare para seus heróis, eles se encontram em segredo e se amam sob o céu. Nesses momentos, se entregam totalmente um ao outro e, conscientes da beleza de seus corpos, se mesclam à natureza.

Copyright 1979 Penthouse International Ltd.

Um amor, uma fazenda

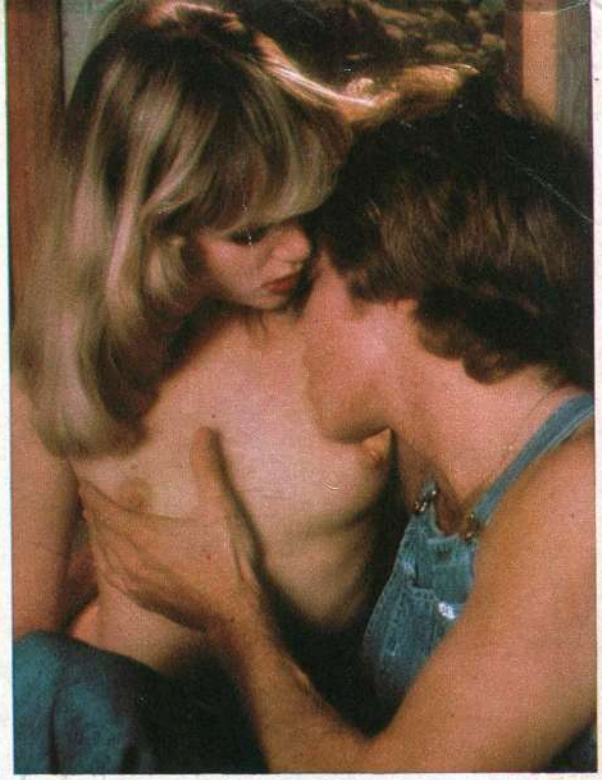
Apaixonados pela perfeição de seu amor, eles só são obedientes aos desígnios da Mãe Natureza. E, atraídos pela terra e pelo cheiro da grama, ambos se atiram ao solo e deixam o sol acalentar seus corpos, enquanto se acariciam longa e cuidadosamente.

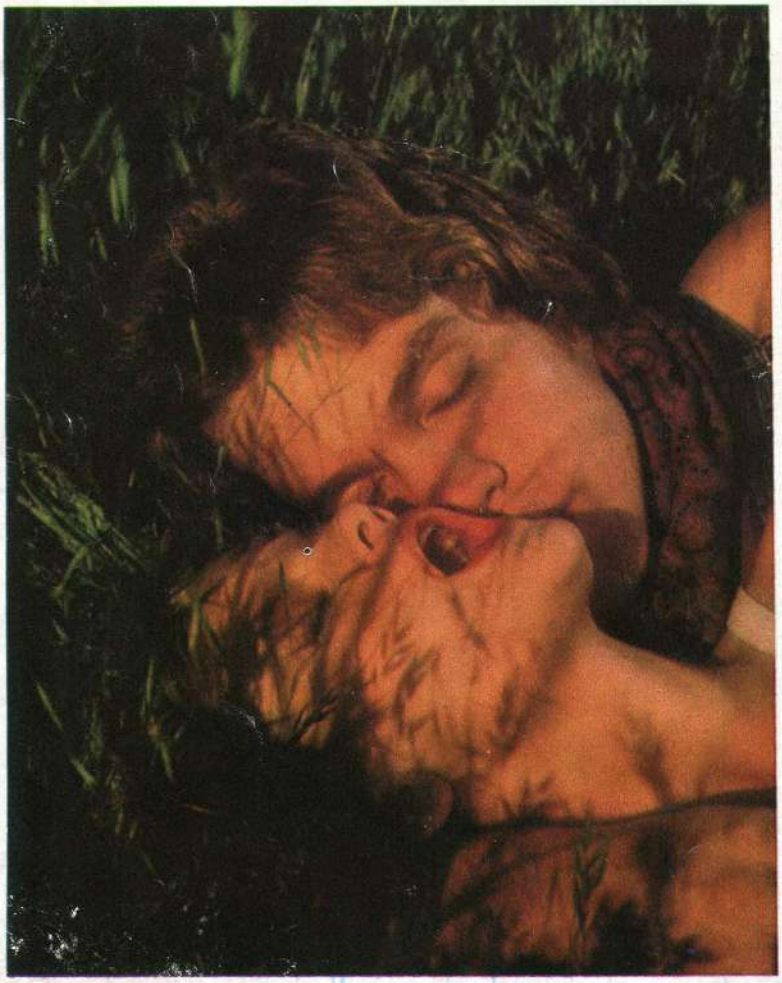


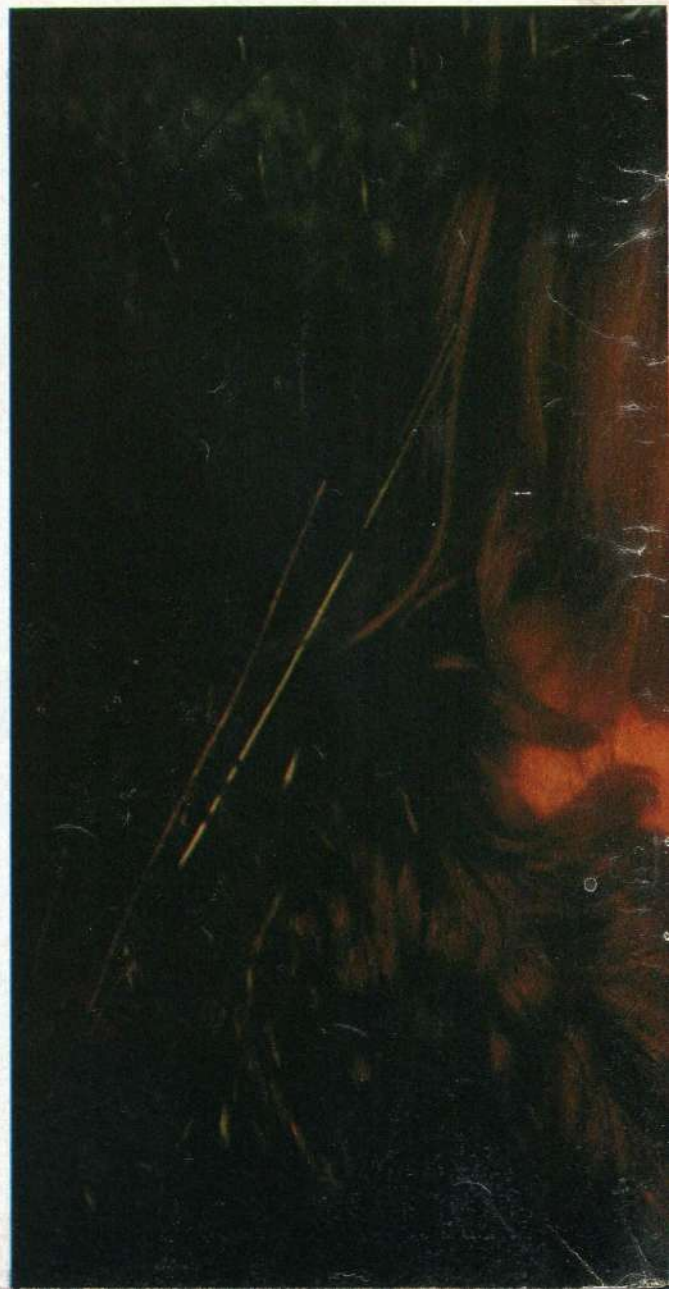


Um amor, uma fazenda

Apaixonados pela perfeição de seu amor, eles só são obedientes aos desígnios da Mãe Natureza. E, atraídos pela terra e pelo cheiro da grama, ambos se atiram ao solo e deixam o sol acalentar seus corpos, enquanto se acariciam longa e cuidadosamente.

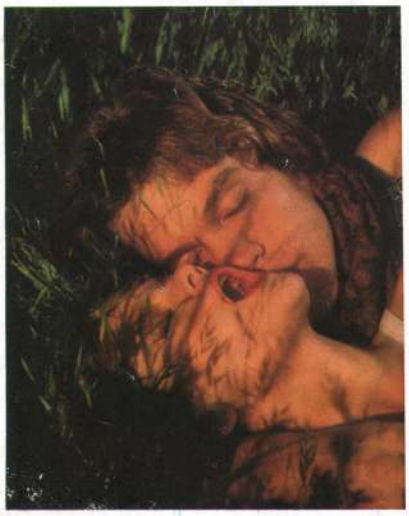


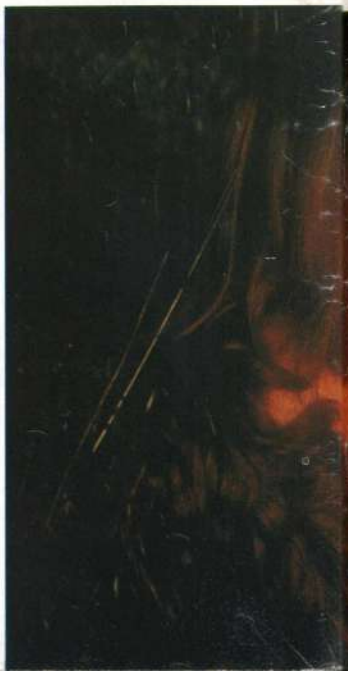




Um amor, uma fazenda

Sempre que se encontram para o amor, o tempo perde a lógica e eles se integram completamente à natureza. Por isso, não há pressa em seus movimentos, se bem que tanto ela como ele se tornem animais fogosos, resfolegantes. E com uma brusca delicadeza saciam seus corpos e seus mais íntimos desejos. Abraçam-se, beijam-se, desvendam-se. E, a cada vez que terminam, recomeçam, a intensidade muitas vezes redobrada.





Um amor, uma fazenda

Sempre que se encontram para o amor, o tempo perde a lógica e eles se integram completamente à natureza. Por isso, não há pressa em seus movimentos, se bem que tanto ela como ele se tornem animais fogosos, resfolegantes. E com uma brusca delicadeza saciam seus corpos e seus mais íntimos desejos. Abraçam-se, beijam-se, desvendam-se. E, a cada vez que terminam, recomeçam, a intensidade muitas vezes redobrada.

Nestes momentos o importante é ter Charm!
Qualidade Souza Cruz
CHARM
FILTRO DE LUXO

Cada vez que este tanque vai à guerra, 40 tanques ficam em paz na garagem.

Na próxima viagem, faça uma manobra inteligente: estacione a sua viatura na garagem e embarque num ônibus.

Além do conforto, da segurança e do dinheiro que você não detona em óleo, pneu, gasolina e pedágio, isto representa uma enorme economia de divisas para todo o contingente nacional.

Está certo que o ônibus consome óleo diesel.

Mas, como ele chega a dividir o tanque até por 40, o consumo para cada passageiro é de apenas 0,01 de litro de óleo diesel por quilômetro.

Faça seus cálculos de aproximação: 0,01 de litro vezes 100 dá um litro, correto?

Certo.

Então, o ônibus gasta óleo diesel, mas quando roda lotado faz 100km por litro.

É só comparar esses números com os carros mais econômicos da cidade para verificar que eles consomem 8 vezes mais que o ônibus na estrada, para o mesmo percurso.

Por isso, viajar de ônibus não é apenas uma excelente estratégia para enfrentar a economia de guerra com conforto e segurança.

É a tática mais sensata de garantir a paz daquele tanque que você deixa na garagem.

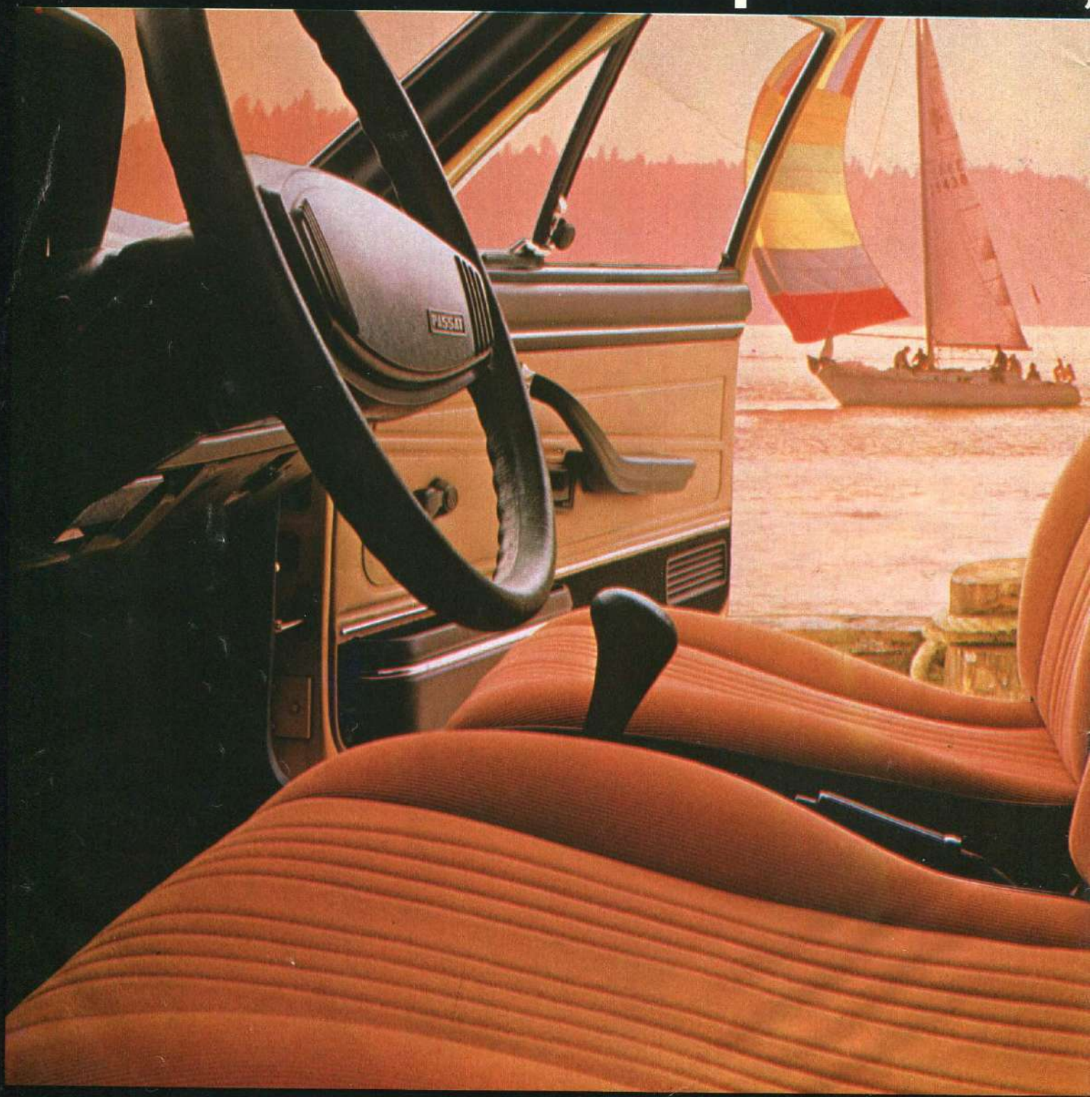
Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

DNER

A Vodka Eristoff se uniu ao limão com uma convicção: dar mais prazer.

Excitante, sem inibições, atrevida, deliciosa. Eristoff, limão e gelo. Pra você beber na companhia de quem quiser e onde você bem entender.

Passat. Mais do que um carro,



Ele dirige o Passat. Ela liga o rádio: "Manhã, tão bonita manhã, na vida uma nova canção..." O Passat roda suave em direção ao "pier"

Dentro do Passat eles se sentem felizes, livres. Próximos, nas poltronas aconchegantes, revestidas de tecido.

Muito espaço dentro do Passat. Muito espaço pela frente. Há um barco à espera.

No rádio, alguém canta: "Um velho calção de banho, um dia prá vadiar, um mar que não tem tamanho, um arco-íris no ar..."

Passat é como um bom barco em águas mansas. Seu conforto oferece em todos os momentos uma sensação de fim de semana, no lugar onde você gostaria de estar.

As tonalidades internas são calmas e não cansam. Detalhes que são só seus as laterais internas, bolsas porta-objetos nas portas dianteiras, descansa-braço.

Passat. Você é o comandante.

Atenção no painel, com os mostradores reestilizados. Mãos no volante espumado, anatômico.

Vento sul: "Balança os cabelos teus..."

Os dois chegam, tranqüilos. Trazidos pelo Passat, pela mais avançada tecnologia em motores refrigerados a água.

Nas curvas da estrada, a segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.

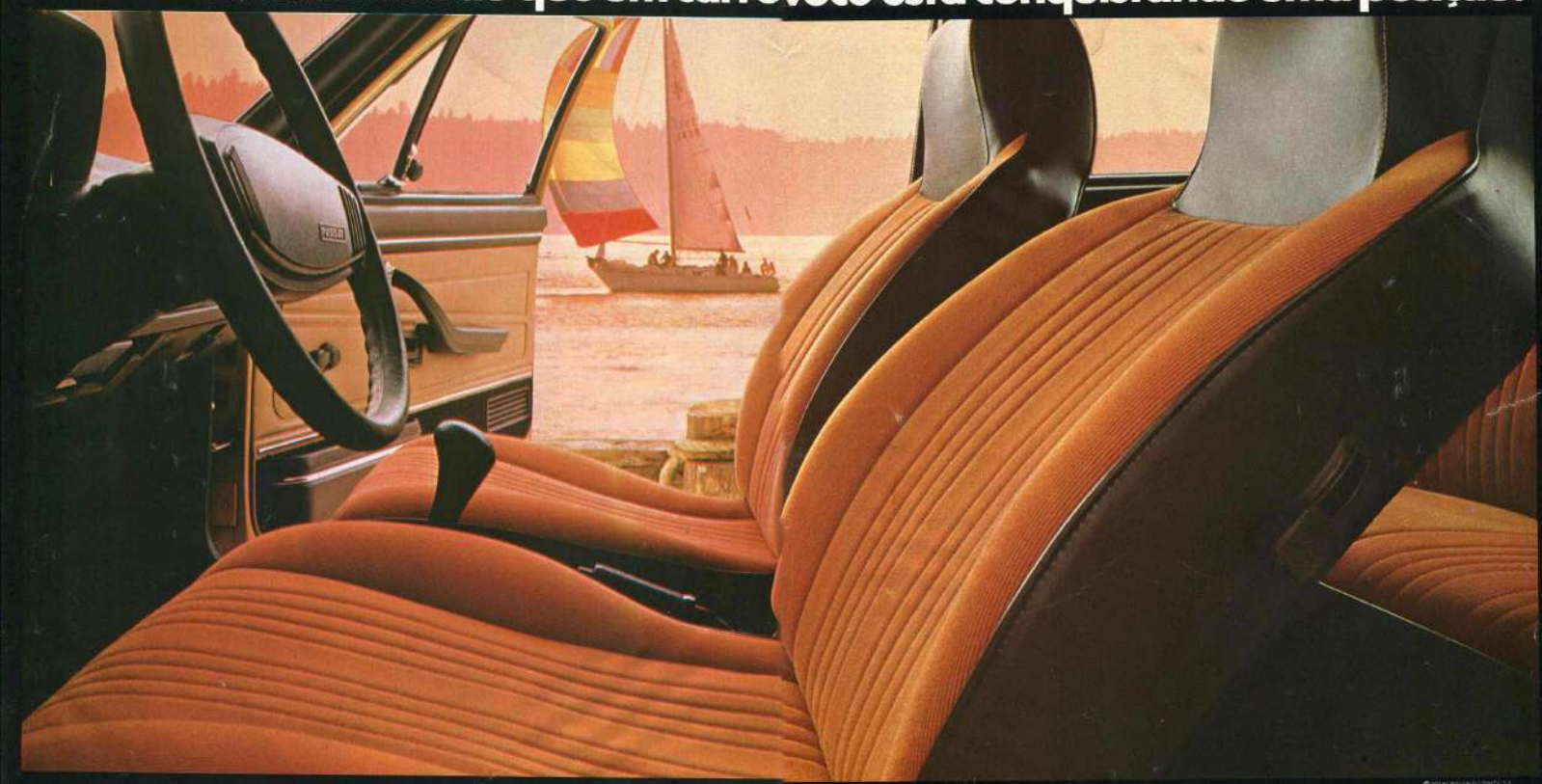
você está conquistando uma posição.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

A cor metálica do Passat brilha ao sol.
E a música: "Dia de luz, festa de sol, e o barquinho a deslizar, no macio azul do mar..." Passat. Uma conquista.
Tão bom fugir dentro dele, com alguém que você quer.
"E o barquinho vai, e a tardinha cai..."

A marca que conhece o nosso chão.

Passat. Mais do que um carrovocê está conquistando uma posição.



Ele dirige o Passat. Ela liga o rádio: "Manhã, tão bonita manhã, na vida uma nova canção..." O Passat roda suave em direção ao "pier".

Dentro do Passat eles se sentem felizes, livres. Próximos, nas poltronas aconchegantes, revestidas de tecido.

Muito espaço dentro do Passat. Muito espaço pela frente. Há um barco à espera.

No rádio, alguém canta: "Um velho calção de banho, um dia pra vadiar, um mar que não tem tamanho, um arco-íris no ar..."

Passat é como um bom barco em águas mansas. Seu conforto oferece em todos os momentos uma sensação de fim de semana, no lugar onde você gostaria de estar.

As tonalidades internas são calmas e não cansam. Detalhes que são só seus: as laterais internas, bolsas porta-objetos nas portas dianteiras, descansa-braço.

Passat. Você é o comandante.

Atenção no painel, com os mostradores reestilizados. Mãos no volante espumado, anatômico.

Vento sul: "Balança os cabelos teus..."

Os dois chegam, tranquilos. Trazidos pelo Passat, pela mais avançada tecnologia em motores refrigerados a água.

Nas curvas da estrada, a segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.

A cor metálica do Passat brilha ao sol. E a música: "Dia de luz, festa de sol, e o barquinho a deslizar, no macio azul do mar..." Passat. Uma conquista.

Tão bom fugir dentro dele, com alguém que você quer.

"E o barquinho vai, e a tardinha cai..."

A marca que conhece o nosso chão.

Panorama

vertiginosa carreira de sucesso. Existiam as exceções e só citarei uma: Carole King. Mas a mulher, na era do *rock*, quando muito podia ser *groupie*.

Com a decadência do *rock*, com suas vacas sagradas repetindo os mesmos pastos já cansados e pisados, com os novos partindo para o ridículo do *punk*, a mulher, mesmo abandonada por suas *irmãs* do *movimento* recomeçaram a ter um lugar para respirar, aparecer, mostrar seu talento, ser e ficar. No Brasil, com ligeiro atraso, como é de lei acontecer em se tratando de uma adaptação de idéias ou acontecimentos vindos de fora, esse fenômeno está acontecendo, aqui e agora. Não é por coincidência, muito menos pela terceira Lei de Newton, que este ano de 1979 — diga lá o que disser o calendário chinês — é o ano da cantora no Brasil. Bethania, recordista com seu *Álibi* chegando perto do milhão. Gal, com seu *Gal Tropical*, disco belíssimo por dentro e por fora. Fafá de Belém, muitíssimo bem produzida, disco importante e com uma faixa antológica, *Sob Medida*, de Chico Buarque. Elis, voltando aos seus melhores tempos com *Essa Mulher* e Simone, até hoje incapaz de manter-se nesta seleta companhia, porque como uma gangorra, ainda não conseguiu se firmar como náufrago num pedação de isopor. Num disco, *Simone*, ela sobe. Noutro, *Cigarra*, desce. Agora, se falhar com seu *Pedaços*, babau, Nicolau! E, como todos andam escrevendo assanhados, há muito não aparecia geração de cantoras novas tão garbosa quanto esta: Celeste com *Laço de Cobra*, longe longe a melhor de todas, só faltando escolha mais caprichada de repertório para seu próximo disco e um clima menos bossa-nova. Joanna, ótima, uma cara linda, zangada, durameiga, Amelinha, Marlui Miranda e Fátima Guedes, de todas a que teve maior poderio de fogo no lançamento — mas que é mais compositora do que cantora —, pois como disse o produtor Roberto Santana ao ouvi-la pela primeira vez, "mas quem é essa menina que está miando aí no disco?" E não é para esquecer a Zizi Possi, agora no seu segundo disco, mostrando afinação, bela voz, corretíssima, mas faltando o essencial, uma sacudida para ficar menos formal diante das coisas, dos segredos, da vida. Só espero que os machões das gravadoras tenham visto o recado na parede e não saiam mais por aí espalhando que mulher não vende.

Diga lá o que disser o calendário chinês, 79 é o ano da cantora brasileira, como provam Fafá, Simone, Elis e Gal, além de muitas outras.

CODA: Lá fora, as mulheres, também, numa boa. Em *Bad Girls*, Donna Summer a *ex-olha-eu-gozando* prova que, mesmo não tendo nada a ver com *Deep-Throat*, vai entrar para a história da música pop, graças à sua garganta de ouro. *** Peter Tosh, um dos poucos estrangeiros cassados pela Censura brasileira (num álbum lançado — e rapidamente recolhido — pela Polygram, tinha em *grisé* um robusto espécime de *cannabis sativa* iluminando a capa) está com *Bush Doctor*, onde, com a ajuda dos amigos Mick Jagger e Keith Richards, continua querendo legalizar a boa e velha Maria, tudo num *reggae* rasgado. *** Não percam o *rock* barra pesadíssima do sensacional Bad Company em *Desolation Angels*. *** Continua emocionando o mundo civilizado o empolgante concurso, *Quem Sobe Mais Depressa? O Custo de Vida ou a Quantidade de Discos Lançados por Gilberto Gil nos Últimos 365 Dias? Realce* é o melhor da fase WEA, lançados aqui ou lá. Com ele a melhor banda de apoio que anda por aí e *Não Chore Mais*, dando, finalmente, dignidade a uma última faixa de um lado B. *** Tão importante quanto *Na Quadrada das Águas Perdidas*, de Elomar, é *Sol do Meio-Dia*, de Egberto Gismonti. Se disco merecesse estátua, este genial trabalho de Gismonti merecia uma. Enorme. *** *Big Bands*: A mais próxima tentativa de reproduzir o som da original, este *Glenn Miller Orchestra*, com o aval de Tex Beneke (sax e canto) e dos vocalistas Ray Eberle e The Modernaires. Gravações

feitas em 61 e 62. *** Mais seis volumes da brilhante Capitol Jazz Series: Benny Goodman, Billy May, Harry James e Les Brown com sua banda que, se não foi levada tão a sério quanto a de um Dorsey, levou à loucura dançarinos com *I've Got My Love To Keep Me Warm*. Os outros dois, Van Alexander e Glen Gray, são petiscos para colecionadores tipo João Máximo. *** Outra série, *The Emarcy Jazz Series*, brilhando intensamente com três lançamentos, os números 8, 9 e 10: Clifford Brown, *The Quintet*, volume 2, deixando aquela saudade de uma carreira que durou tão pouco e acabou numa derrapagem numa estrada molhada. Dizzy Gillespie em *Composer's Concept* (62/64) com os destaques de Lalo Schifrin, James Moody e do mago do trombone, Frank Rosolino. Finalmente, com tanta Sarah Vaughan na praça, uma atenção especial para este *Recorded Live*, gravado durante *shows* nos anos de 57 e 58 (quando Sarah estava numa forma de bater recorde em Olimpíada) e em 63. Uma fabulosa coleção de 20 *standards* (os três álbuns são duplos) como *Thou Swell, Speak Low* e *How High The Moon*.

*** Falando em *jazz*, uma estréia da maior importância nesta revista: a de Roberto Muggiati, diretor de *Manchete*, autor do melhor livro sobre *rock* publicado na América Latina, *Rock, o Grito e o Mito (Editora Vozes)*, músico emérito de *jazz*, tendo tocado seu sax-tenor por toda Curitiba nos anos 50. Acaba de adquirir um portentoso Selmer Mark VII e já voltou a *jamear*. Escreve, neste número sua segunda coluna, a *Jazz*, sobre o ídolo de João Gilberto, Chet Baker. •

O *show* *Tendinha* de Martinho da Vila, no Teatro Alaska, em Copacabana, estourou no Rio após o sucesso paulista.

noite carioca

SEM GASOLINA FAÇA AMOR

Barão de Ipojuca

Uma coisa ficou bastante clara depois que ficamos sem gasolina nos fins de semana: o carioca está amando muito mais. Em vez de fugir para Cabo Frio, cidades serranas e outros lugares gostosos das proximidades, em vez de ficar andando para baixo e para cima de carro, catando programas diversos, o carioca agora pára na beira da praia e pratica a conhecida corrida de submarino (amor dentro do carro) ou vai às vias de fato em um motel, pois agora o importante é não queimar combustível, pelo menos o do carro.

Mesmo permanecendo por aqui, no entanto, o carioca não fica sem o que fazer. A programação anda farta, muitas casas noturnas estão surgindo, e o mundo cultural se agita. Uma tendência, todavia, é bastante clara: a definitiva derrocada da era das discoteques. Nelsinho Motta fechou a badalada Dancing Days e promete instalar em seu lugar, no morro da Urca, um restaurante fino, com orquestra e pista para se dançar de rosto colado. A pioneira New York City Discolaser também cerrou suas portas e seus proprietários abriram no mesmo endereço uma deliciosa casa romântica, também com orquestra de violinos e piano, e pista de dança. E escolheram um nome que lhe cai muito bem: Carinhoso.

Outra casa nova, muito badalada no momento, é a Cirrose — A Euforia do Fígado, bar que tem nada menos que Vinícius de Moraes como um dos sócios. Pena que Vinícius, que sempre foi considerado um defensor da mulher, tenha permitido que se implantasse naquela casa uma medida discriminatória: elas não entram desacompanhadas de homem.

Outubro é um mês de muita festa: começa no dia 1.º (e vai até 3 de novembro) a Festa da Penha, uma das mais tradicionais do Brasil, com apresentação de grupos folclóricos, quermesse e romarias; na Ilha do Governador, no dia 13, teremos a Festa de Nossa Senhora de Fátima; de 15 a 22 no bairro de Santa Teresa, realiza-se a Semana de Santa Teresa, com mis-

sas, *vernissages* e concursos literários; e no Riocentro, de Jacarepaguá, dois grandes eventos anualmente muito curtidos: a XIX Feira da Providência (de 4 a 7), onde cada país e cada estado brasileiro exibe o que tem de melhor em comidas e bebidas típicas e artesanato, e a Exposição de Flores (de 26 a 28), patrocinada pelo *Jornal do Brasil*.

Desde agosto deste ano, a Sala Funarte iniciou uma programação erudita composta de cinco séries: série Guiomar Novaes, para pianistas; série Música do Século XX; série Pablo Casals, para música de câmara; série Paulina D'Ambrosio,para violinistas; e série Bidu Sayão, para cantores. Os concertos, realizados sempre às segundas-feiras às 21 horas no Rio, são repetidos às terças na Sala Funarte de São Paulo. Dentro da série Guiomar Novaes, a 24 de setembro apresenta-se a pianista Linda Bustani em recital que marca sua volta ao Brasil depois de vários prêmios internacionais; da série Pablo Casals, no 1.º de outubro, o violoncelista Antonio Del Claro; na série Paulina D'Ambrosio, dia 8/10, a violinista Maria Vishnia; e dia 15/10, a soprano Ruth Staerk, dentro da série Bidu Sayão.

Enquanto isso, prossegue normalmente a série Instrumental da mesma sala, cujo destaque maior no período será a apresentação que o tecladista Marcos Resende e o grupo Index farão de 10 a 20 de outubro, às 21 horas.

Para quem curte musica popular, a programação oferece também suas opções. No Cine-Show Madureira, semanalmente são apresentados nossos melhores artistas e conjuntos. Por aquele teatro suburbano já passaram Beth Carvalho, Caetano Veloso, Maria Bethania, as Frenéticas, Vânia de Carvalho e a Velha Guarda da Portela. E a festa continua com um público muito participante e bastante diferente do que freqüenta as salas de espetáculo da Zona Zul.

No Teatro Alaska, do Posto Seis em Copacabana, prossegue o espetáculo *Tendinha*, do cantor Martinho da Vila, acompanhado do conjunto Samba Som, com a participação de Rui Quaresma no violão.

Até as segundas-feiras, que tradicionalmente não ofereciam qualquer opção de programa, atualmente andam fervendo. No Teatro Opinião, há a *Noitada de Samba*, apresentação de Nélson Cavaquinho, Baianinho, Dona Ivone Lara, Xangô da Mangueira, Zeca da Cuíca, conjunto Nosso Samba e deliciosas passistas. Outro auditório que tem se destacado pela qualidade dos espetáculos às segundas é a Sala do IBAM: a 24 de setembro ali se apresentarão a pianista Norah de Almeida e o violinista Stanislaw Smilgin; a 8 de outubro, o Duo Carrasqueira (flauta e piano); a 22/10, a soprano lírica americana Carol McDavit; a 29/10, o pianista Antônio Guedes Barbosa e o clarinetista Amadeu Ribeiro Salles.

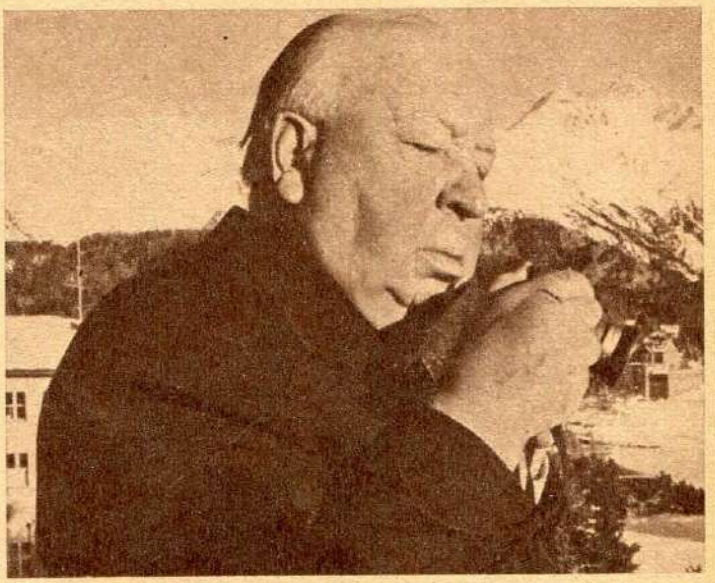
Na área teatral, recomenda-se a comédia de João Bethencourt, *Festival de Ladrões*, que está em cartaz no Teatro Mesbla com Tânia Scher e Milton Moraes.

Se apesar disso tudo sua programação ainda apresenta espaços vazios, inclua uma boa casa de gafieira em seu roteiro, já que é a grande onda do momento. As melhores são a Gafieira Tiradentes (na Praça Tiradentes), que faz o gênero tradicional, e a Casa de Bamba (em São Conrado), mais conhecida como Flor-de-Lis, do gênero sofisticado. Mas um programa diferente mesmo é o *show* de travestis *Mimosas Até Certo Ponto*, do Teatro Brigitte Blair, de terça a domingo. É ir para rir ●

televisão

ESTARÁ TODO MUNDO ENROLANDO?

José Guilherme Correa



A Rede Tupi comemorou os 80 anos de Alfred Hitchcock colocando no ar *oito* filmes inéditos do grande cineasta, fato antológico em qualquer tevê do mundo! Pela falta de divulgação, conclui-se que, menos na nossa.

Férias são férias para que a gente se desligue de tudo, inclusive da televisão. Por outro lado, julho é *inverno*. E inverno, em todo lugar que não se pretenda província, é a justa época da *saison* cultural e televisual. Julho de 1979 foi um mês especial, em termos de tevê. Foi o décimo aniversário da chegada do homem à Lua, ou seja, ainda hoje, o recorde universal de reportagem mais assistida, nas televisões de todo o mundo. Em 1969, durante a euforia da expedição da Apollo-11, nem os futurólogos pessimistas ousaram prever que,

A Rede Globo vem marcando tentos com a série *Aplauso*. *O Preço*, de Arthur Miller, com um elenco impecável é um bom exemplo.

Paulo Gracindo

10 anos depois, as coisas andariam tão *ana-pretas* do jeito que andam. Graças (inclusive) aos 24 bilhões de dólares investidos pela administração Nixon, que herdou uma meta e uma promessa de John Kennedy, foi possível ir à Lua. Hoje, que governo, no mundo, ousaria investir um trilhão de cruzeiros ou mais numa andadinha por lá? Mais vale investir menos e tentar andar até o posto de gasolina mais perto... O mundo dá voltas e não é por acaso — queiram ou não os que crêem na evolução progressivo-linear-irreversível.

Mas voltemos a alguns tópicos da nossa programação *saisonal* de julho passado. Em qualquer tevê do mundo, oito filmes inéditos (sim, inéditos) de Alfred Hitchcock seriam um acontecimento. Pois foi assim que a Rede Tupi comemorou (ao menos em São Paulo) os 80 anos do grande cineasta: com a série *The Early Years*, cobrindo filmes de 1927 a 1932. No Rio, esta programação foi tão misteriosa e sua divulgação tão caótica que os filmes — se entraram — entraram de surpresa no ar. Assim, não vale. Mesmo sem conter nenhum dos maiores do

mestre do suspense, a curiosidade e a expectativa em torno de filmes como *Murder*, *The Skin Game* ou *Rich and Strange* é bastante para emplacar inclusive um ou dois Melhores do Ano — sem falar na importância intrínseca do projeto, enquanto arqueologia cultural. É favor não subestimar o público carioca.

A TVE comemorou o *14 Juillet* com um especial sobre Edith Piaf. Bom. Sem atingir o nível de catarse comunicativa de outros filmes feitos com o mesmíssimo material (entrevistas com Aznavour, Eddie Constantine, Jacques Pills, Sarapo, enfim, *les hommes de sa vie*), o documentário exibido acentuava o lado patético e sofrido da vida da cantora que, para muitos, foi a maior intérprete da França. Seja como for, a Piaf será sempre o emblema da canção *bleu-blanc-rouge* de exportação. Como tinham sido Chevalier, Sablon, Boyer, Rossi, Delyle, Jacqueline François etc. Mas a tevê continua nos devendo qualquer coisa com Brassens, Moustaki, Ferré *etceterrá*.

O Canal 4 marcou altos tentos. *O Preço* (16/7) teve adaptação de Ferreira Gullar, direção de Luís de Lima e um elenco impecável: Paulo Gracindo, Mauro Mendonça, Leonardo Vilar. O autor Arthur Miller forma com O'Neill (de quem a mesma série *Aplauso* apresentara *Ah, Wilderness*) e com Tennessee Williams o trio de grandes dramaturgos americanos. Escrita em 1968, *O Preço* examina os complexos de culpa e a responsabilidade — em suma, os conflitos entre o eu individual e o eu social — de dois irmãos (um, policial; outro, cirurgião) revivendo, 30 anos mais tarde, o relacionamento moral de ambos com o pai. O teatro de Miller, liberal-classe-média por princípio, retrata esse lugar-comum, que muitos chamam de fenômeno da alienação do indivíduo através da sociedade capitalista, como nenhum comunista jamais soube (ou, aparentemente, saberá) retratar. Do ponto de vista dramático, *O Preço* não tem a fama de *A Morte de um Caixeiro-Viajante* nem a *carpintaria* de *Incidente Em Vichy* ou de *Panorama Visto da Ponte* (que já dera a Leo Vilar, talvez, o maior papel de sua carreira), nem, muito menos, a estatura antológica de *As Feiticeiras de Salem* (que dera a Mendonça, possivelmente, seu maior papel). Mas, para não fugir à regra, deu a Gracindo a chance de um dos seus maiores trabalhos, como o judeu Solomon.

Alta qualidade houve também na montagem de *Um Grito Parado no Ar* (23/7), a coisa mais original que Gianfrancesco Guarnieri escreveu desde *Eles não Usam Black-tie*. *O Grito* é a peça com que ele exprimiu a angústia da geração do sufoco querendo protestar e não sabendo. (*E não podendo* — lerão alguns.) Dirigido por Paulo José, o texto extravasou seu mal-estar *pós-1964* na linguagem indireta do tipo teatro-sobre-o-teatro, coisa notável por se tratar do mesmo e panfletário autor de *A Semente*.

No Canal 7, o grande presente de férias foi o recital do fabuloso tenor italiano Luciano Pavarotti (28/7). Meio-termo entre o timbre metálico de Caruso e a suavidade de Gigli, Pavarotti explorou menos o lado dramático de seu repertório e — até por uma questão de fôlego — dosou o programa com um Verdi, três Puccinis e quatro *canzone*. Nivelou com Gigli no *Orfeu* de Glück e arrancou os aplausos totais que seriam de se esperar com árias da *Tosca*, do *Elixir do Amor* e da *Boêmia*, mas não conseguiu ainda superar De Lucia, na interpretação de *Pourquoi Me Rèveiller*, do *Werther*. Parabéns à Rede Bandeirantes. Parabéns também pela edição muito plástica, e oportuna, do *Cobra Norato* de Raul Bopp (4/8). Felizmente, estamos entrando rapidamente na era da disputa de audiência não só maciça, mas também qualitativa. Está todo mundo enrolando? Não ●

EMBASSY

Para o homem.

Colônia, Loção após Barba, Creme de Barbear, Creme para Cabelo, Gel após Barba, Desodorante Aerosol, Desodorante Antitranspirante e Desodorante Spray.

idéias

MARCUSE VERSUS NORMAN O. BROWN

Luís Carlos Maciel

A polêmica entre Herbert Marcuse e Norman O. Brown, na revista *Commentary*, em 1967: as questões fundamentais do pensamento do Ocidente, até hoje, numa sucinta troca de réplicas. Meu amigo Marcuse e eu — diz Brown

Rômulo e Remo discutindo qual dos dois é o "revolucionário" verdadeiro. As categorias do século XIX (Marcuse) diante da nova visão (Brown).

A primeira questão, a básica, é a história. Para Marcuse, ela é real; para Brown, uma ilusão. Se os reinos políticos, como diz Brown, são "sombras", o poder político é uma mentira: o rei está totalmente nu. Para Marcuse, o rei veste roupas cruéis, tangíveis: opressão, fome. Elas fazem "a história", diz Marcuse. Brown, entretanto, conclama: devemos nos erguer da história para o mistério. Para ele, a própria revolução é cíclica. Mesmo o novo é renovação. Como no começo. A idéia de progresso sendo posta em questão: a realidade de Marx não pode esconder a realidade de Nietzsche.

Marcuse insiste no dualismo: Eros, diz ele, vive na divisão, na fronteira entre sujeito e objeto, homem e natureza. A ilusão é um fato histórico — e um fator histórico: sua negação também deve ser histórica, um objetivo histórico para uma prática histórica. Na história, proclama Marcuse, há divisões e fronteiras que são reais e continuarão sendo, mesmo com o advento da liberdade e da realização. A abolição das divisões, para Marcuse, seria um pesadelo, o auge da repressão, pois as divisões — macho e fêmea, pênis e vagina, eu e você — são a fonte do prazer humano.

Brown é monista. A coisa a lembrar em Marx, diz ele, é sua visão além deste mundo, para outro, possível, de união, comunhão, comunismo. É preciso deixar claro: o burguês ordinário não será capaz de levar seu pequeno eu, sua pretensa pessoa e sua Propriedade, para o novo mundo. Mas o Reino dos Céus nesta terra é possível: outro mundo, a negação da selva vigente, comunhão. Uma forma mais alta de caos: em vez de confusão, fusão. Unidade de sujeito e objeto, participação mística.

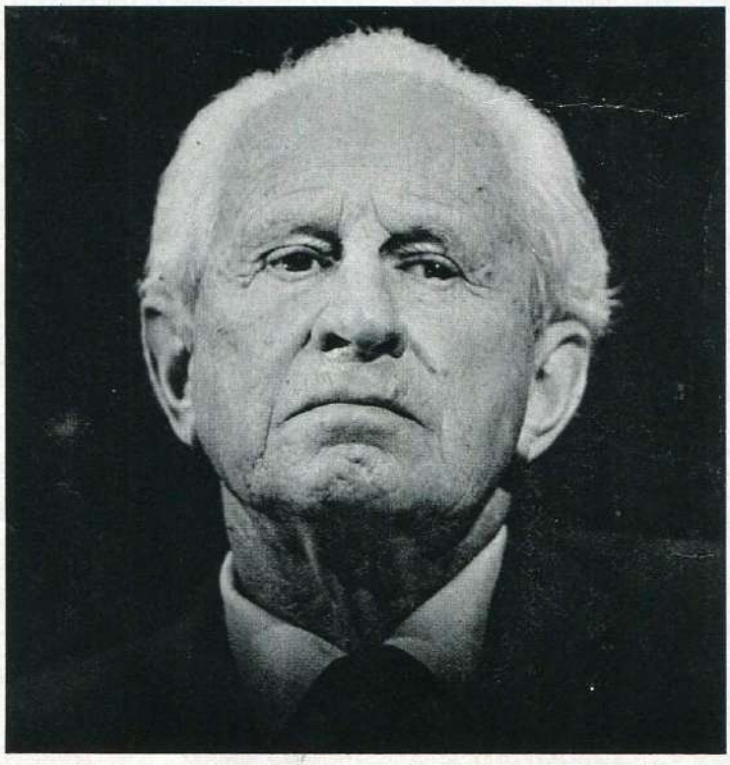
Marcuse acredita no eu, na Pessoa: ainda não existe, diz ele, mas pode ser alcançada, através da luta contra os que evitam sua emergência, substituindo-a por um falso eu, alienado. A verdadeira luta, portanto, é a luta política.

Para Brown, a verdadeira luta não é política, mas abolir a política. Isto é: da política para a metapolítica. Ela começou como revolução sexual: romper o círculo vicioso de repressão e promiscuidade, com uma transformação do corpo humano, a abolição da organização genital. Marcuse também a quer, como instrumento de transformação geral do ambiente, mas Brown vai mais fundo. Mostra que organização genital é a mesma coisa que Eu, Pessoa, Propriedade. Portanto, a transformação da organização genital, prevista pelo próprio Marcuse em *Eros e Civilização*, fundamenta o monismo de Brown. A solução para a organização genital, sua antítese efetiva é a mesma, em Marcuse e Brown: a libido polimórfica e perversa, como nas crianças, a erotização de todo o corpo.

Mas Marcuse ainda presta culto aos velhos ídolos; Brown os derruba. Seu programa é radical. Da política para a poesia. Legislação não é política, nem filosofia, mas poesia. Poesia, arte, não é mera reflexão epifenomênica de outro domínio (político, econômico) que seria "o real"; nem a contemplação de algo mais que seria "a verdadeira ação"; nem a sublimação de algo mais que seria o "ato" carnal. Poesia, arte, imaginação, o espírito criador é a própria vida, o verdadeiro poder revolucionário capaz de mudar o mundo e transformar o corpo humano.

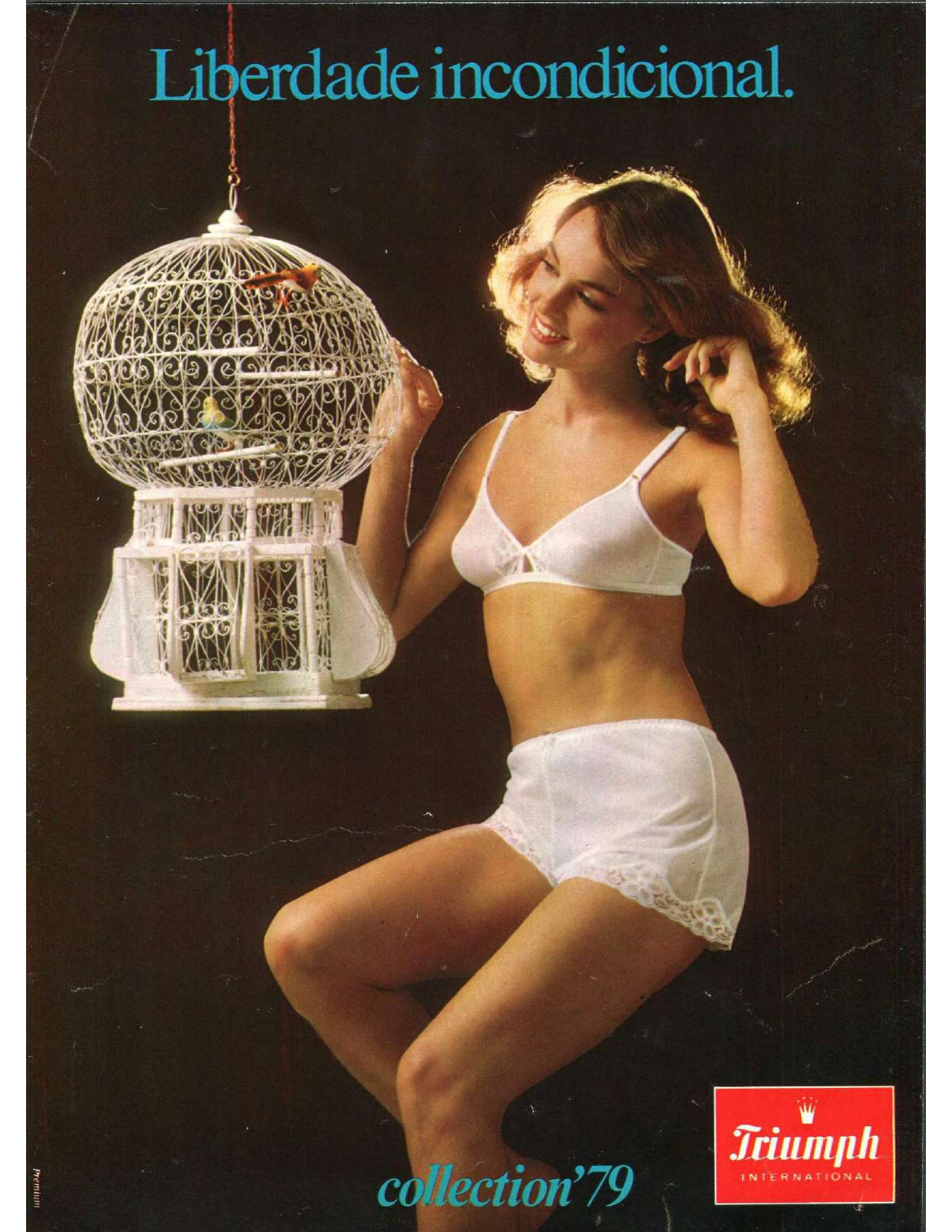
Da política para a vida, prega Brown. E, portanto, a revolução como criação, arte; ressurreição; renascimento em vez de progresso. Perceber em toda cultura humana a realidade oculta do corpo humano. A Sagrada Comunhão como base da comunidade; a Eucaristia: canibalismo. Deus não é o Logos abstrato, a Razão desencarnada, mas — sustenta Brown a Forma Humana Divinizada. A secreta tradição tântrica: a libertação através do corpo. A ressurreição do corpo.

Marcuse quer manter-se preso à terra, à mãe, à tradição. Brown quer voar. Sua linguagem racha as categorias filosóficas acadêmicas. O que deve ser abolido, diz ele, é o literalismo; o culto de falsas imagens; idolatria; Moloch. Idolatria é fetichismo; literalismo é a idolatria das palavras. Mas a alternativa para a idolatria é o mistério. Do literalismo para o simbolismo: a lição de minha vida, revela Brown. A última frase de *Love's Body*: "Tudo é apenas uma metáfora; há somente poesia." Do real, sobre o qual nada pode ser dito, tudo pode ser dito: poesia, eterna criação. ●



Marcuse

Liberdade incondicional.



collection'79

Triumph
INTERNATIONAL

Premium

Adivinhe que

carro eles têm.

Um casal para ser feliz não precisa ter um Fiat. Mas para ser moderno, precisa.

É que se um casal é moderno e pensa, acaba sempre chegando à conclusão de que o carro ideal para eles é o Fiat. Porque para um casal assim, carro é indispensável. Mas viver cada instante da melhor maneira possível também é.

E com o Fiat eles têm um carro avançado, bonito e seguro, trocando o luxo desnecessário pelo simples inteligente.

Pelo preço do Fiat, ninguém encontra um carro com tanta qualidade quanto ele.
O Fiat é um carro que vale mais do que custa. É o único que consegue ter um excelente desempenho e ser tão econômico ao mesmo tempo. E é o único também que tem muito espaço por dentro sem ocupar muito espaço por fora. E tem o máximo de agilidade com o máximo de segurança.

A seguir você vai ver como as principais revistas especializadas transformaram em números tudo o que nós estamos dizendo.

	Fiat	*Chevette*	*Brasilia*	*VW 1.300*
Consumo à velocidade constante de 80 km/h (km/l)	*16,85*	*14,44*	*12,27*	*13,05*
Capacidade do porta-malas em litros	*352*	*321*	*204*	*141*
Custo de manutenção em 30.000 km (Cr$/km) Valor em dez/78	***1,07***	***1,40***	***1,53***	***1,29***

O Fiat é um carro moderno, para pessoas modernas. Se você também faz parte de um casal que gosta de idéias novas, sabe dar valor ao que tem qualidade e é de bom gosto, pode ficar certo: mais dia menos dia você vai ter um Fiat.

FIAT 147

Fiat 147. Qualidade que dá valor ao seu dinheiro.

colônia, atter shave, desodorante, sabonete, talco, estojos presente.

Para o homem
que toda mulher
imagina.

CRANDALL

A etiqueta que tem nome de moda

Mafisa®

Quando você procura uma malha na última moda, sempre encontra Mafisa.
Mafisa está dentro dos mais recentes lançamentos da moda.
Mafisa é suave e macia. É gostosa sobre seu corpo. E ainda oferece a mais variada opção de cores, padrões e modelos.
Blusas, pijamas, saídas de praia, leotards, conjuntos esportes, camisas etc...
Sinta a delicadeza em sua própria pele.
Entre na etiqueta que tem nome de moda.
Peça Mafisa.

a etiqueta que tem nome de moda.

Mafisa-Malharia Blumenau S.A.
Blumenau, SC

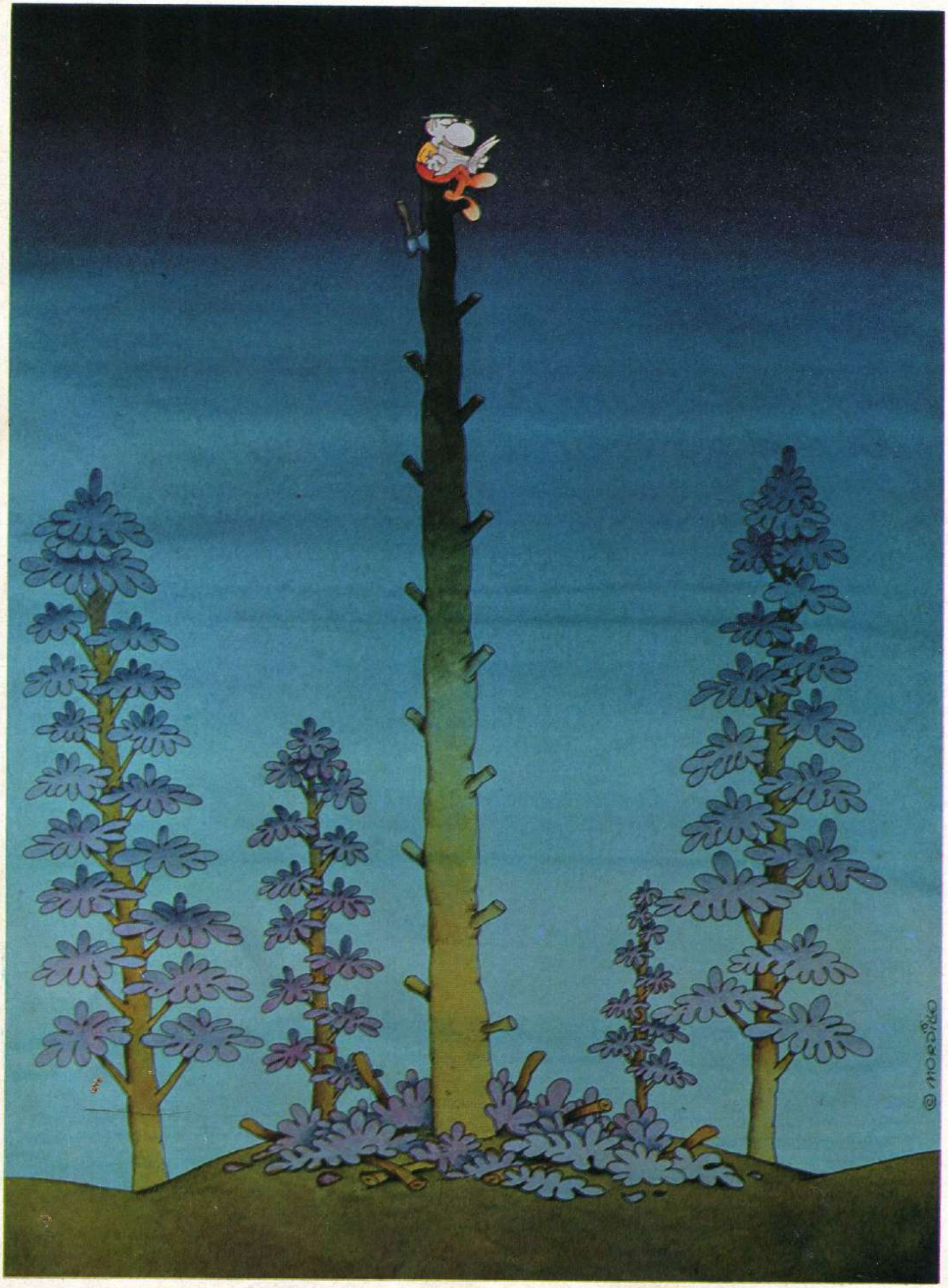
CBK

O VÔO LIVRE DA SUPER JOVEM

RÁDIO MUNDIAL 620

4.825KHz RJ

onda tropical


© MORDILLO

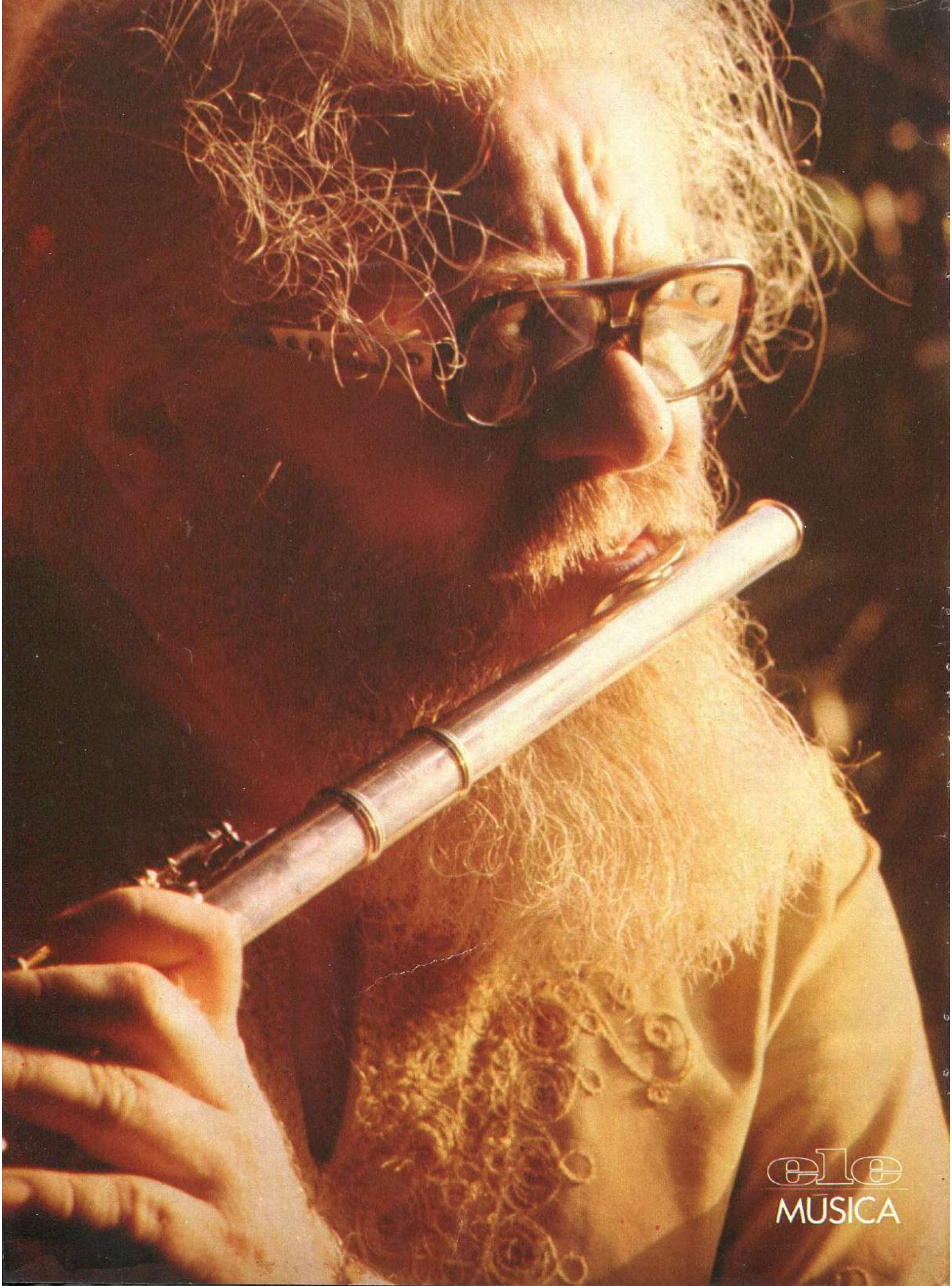
AGÊNCIA
FEDFS

A VIDA É MELHOR QUANDO ACREDITAM EM VOCÊ.

Tudo fica mais fácil quando você
tem o apoio de quem sempre
acredita em você.
Para o Banespa, o seu trabalho
é muito importante.
Porque uma coletividade vive
e prospera pelo esforço de cada um.
O Banespa existe para apoiar
esse esforço Ele participa do
crescimento das pequenas e médias
empresas. Estimula a indústria
e o comércio. Apóia o agricultor
com uma completa assistência
de crédito e orientação.
Em tudo o que você faz,
conte com o Banespa.

VIVER BANESPA É CRESCER. banespa

Banco do Estado de São Paulo S.A


ele
MÚSICA

Só a partir de 1972, quando fez um *show* no Teatro Fonte da Saudade (Rio), a imprensa brasileira começou a abrir espaço digno para este ser iluminado, considerado pela revista especializada *Downbeat*, dos Estados Unidos, como um dos quatro maiores arranjadores da atualidade. Mas, àquelas alturas, o mago das Alagoas já havia colocado água na fervura de músicos como Joe Farrell, Herbie Hancock, Hubert Laws e Miles Davis, desde que foi levado para os Estados Unidos por seu amigo, o percussionista Airto Moreira.

O que estamos precisando, agora, é ouvir mais Hermeto Pascoal e não ouvir *falar dele*. Precisamos ouvir sua música, enraizadamente nossa e ao mesmo tempo universal; conhecer suas posições firmes em relação aos profissionais que fazem concessões comerciais; ouvir seu coração de *rapadura* falando da mulher, das crianças e do modo simples de vida que levam; saber do seu enorme carinho e respeito pelos músicos do seu grupo — que vivem perto dele, numa espécie de comunidade. Hermeto diz: "Eu sou o pastor." Vamos segui-lo então em suas andanças.

HERMETO PASCOAL

"Existe um preconceito, um racismo musical que precisa acabar."

ENQUANTO o carro da reportagem percorria algumas centenas de ruas e avenidas rumo ao Bairro Jabour, situado para lá de Senador Camará e além de Bangu, no Rio, uma referência ouvida sobre Hermeto Pascoal, poucos dias antes, não me saía da cabeça: "Ele é de uma simplicidade e de uma genialidade que enlouquecem." Essa tinha sido, justamente, minha impressão durante o nosso breve contato telefônico, quando concordou, sem maiores problemas, em receber-me ("Venha sim, precisa confirmar não, estarei esperando"). Estabeleceu-se logo, entre nós, uma *ligação*, para usar um termo bem *hermetiano*.

Afinal, ele tinha todo direito de fazer um pouco de doce. Outros, bastante menos cotados, fazem. Hermeto acabava de regressar do Japão, onde endoideceu um público de 10 mil pessoas, e da Suíça, onde roubou a festa dos *gringos*, sendo ovacionado delirantemente por quatro mil espectadores (sobretudo, jovens) do Festival Internacional de Jazz, em Montreux. No dia seguinte da exibição de Hermeto Pascoal na *Noite do Brasil*, o jornal *L'Est Vaudois* deu na primeira página uma foto em cores de Hermeto e uma reportagem que trazia trechos como este, captados pelo enviado especial de ELE ELA e *Manchete*, Roberto Muggiati: "Hermeto demonstrou, de saída, que a música é universal e é preciso, para ser um digno embaixador dela, se alimentar do folclore, das tradições, de suas próprias raízes culturais. Sua arte é de uma autenticidade que ninguém poderia contestar, não segue nenhuma moda, zomba dos gêneros e das etiquetas."

Não foi fácil encontrar a casa verde e rosa no perdido Bairro Jabour. Cheguei a pensar que ela era a *do lado*, toda certinha, de tijolos aparentes. Mas conferindo o número, percebi que era mesmo aquela, com a pintura da fachada desbotada e descascando, embora a cerâmica vermelha da varanda, que entrevi pela grade, reluzisse de tão limpa. Descobri e apertei a campainha pintada de prateado,

Por Ana Lúcia Bizinover

Fotos de Isabel Garcia

como a grade e o portão de ferro batido. Uma jovem morena, bonita, cabelos compridos e lisos veio abrir o portão, precedida por dois vira-latas amarronzados. A jovem era Fátima, filha de 18 anos de Hermeto e que fazia as vezes de dona-de-casa. Dona Ilza, mulher do compositor há mais de 23 anos e figura da maior importância, estava na feira. Um moleque empinando uma pipa nas cores do Flamengo cortou minha frente no momento exato em que eu ia entrando na casa de um dos quatro maiores arranjadores da atualidade, segundo a revista norte-americana *Downbeat*. Era um bom sinal.

Hermeto Pascoal recebeu-me à porta, trajando uma camisa em tecido indiano, listrada de cinza, branco e rosa. Usava calças cinza-escuro e os cabelos louro-esbranquiçados estavam presos num bem penteado rabo-de-cavalo. Os olhos azuis (ele tem um forte desvio em um dos nervos óticos) estavam um pouco escondidos por óculos de aro escuro e hastes de metal. Uma bela figura ("um raio de sol" já teria dito alguém).

Foi falando, como se já me conhecesse há muito tempo, enquanto me mostrava a casa. Como todo nascido sob o signo de Gêmeos, ele é ágil e tem extrema facilidade de locomoção ("remelexo cá/remelexo lá/remelexo em qualquer *lugá*"). Entrei no seu ritmo e fizemos uma volta no quarto do casal, cuja porta dá para a única sala da casa. Sobre a colcha bem esticada, uma partitura parcialmente preenchida ("é, estava compondo umas coisinhas"). Quem tem a mínima noção de teoria musical saca logo que se trata de um intrincado arranjo para diversos instrumentos. Mais tarde eu perguntaria, *como?*

Agora a hora era de passeio pela casa. Atravessamos um diminuto corredor com três portas — duas dos quartos das *crianças* e uma do banheiro —, para passarmos a uma peça primordial: a cozinha. Lá está a mesa de refeições, uma televisão grande a um canto, a máquina de costura encostada à parede, uma geladeira amarela, moderna, o fogão e a pia, no momento cheia ainda com a louça do café. Fábio, o filho de 17 anos, acabava de tomar o seu café da manhã. Hermeto, então, em tom muito divertido, contou:

"Menina, se chegar aqui na hora do almoço e estiver acontecendo alguma coisa na cozinha, antes de entrar você chama a polícia! Esse negócio de eu usar as panelas como instrumento, a inspiração veio justamente daqui. Quando a Ilza está com raiva, brigando com os meninos (Jorge, 22; Fátima, 18; Fábio, 17; Flávia, 15; Fabíola, 13 e Flávio, o *brasinha*, 11 anos), joga tudo no chão. Daí veio a idéia. Quando o negócio está *brabo* eu venho correndo com o instrumento que estiver tocando na hora e acompanho aquela zoeira. Ela então fica ainda mais louca, mas não pára com o quebra-quebra, chegam os meninos todos, vira zorra, fica um som bonito e acaba todo mundo rindo e ajudando a lavar a louça. Menos eu, que se lavar, quebro tudo. Só vendo!" *(Risos gerais).*

> "No Japão eram 10 mil pessoas vibrando. A japonesada pulou muito foi com a cabeça primeiro. Isto que é importante: ouvir música."

Ao nos dirigirmos para a sala de ensaios, passamos por uma salinha (mais uma passagem mesmo) onde fica o som dos meninos. Por curiosidade peguei o único disco à vista: era do Elton John ("os meninos já sabem, só podem ouvir estes troços com fones"). E, de fato, havia um *head-phone* bem à mão.

Subimos uma escadinha de pedras miúdas e coloridas ("cuidado com a cabeça") e Hermeto então abriu a porta do que em breve será um estúdio completo de gravação. O salão por enquanto é só sala de ensaios. As paredes ainda estão no cimento, mas serão forradas com material acústico isolante.

Pelas duas janelonas, a mangueira do vizinho (*carregadinha de fazer dó)* torna-se a ouvinte mais privilegiada. ("Imagine, esta casa aqui nos fundos parece que vai ser um consultório médico. Vai ter nego morrendo do coração quando começarmos a zoeira dos ensaios".) Os instrumentos que estão chegando pouco a pouco das *tournées,* como bagagem desacompanhada, estão espalhados pelo chão dentro de suas caixas pretas, com a clássica etiqueta vermelha *fragile* ("num adianta nada, que quebram tudo").

Hermeto conta que levou um montão de instrumentos para Montreux e para o Japão. Na Suíça tocou poucos ("mas só de olhar para os outros, de saber que eles estavam ali já era bom. Cada instrumento é um amigo"). Ele toca conforme o clima. Panelas comuns, recheadas de fichas de ônibus e cobertas por tela de náilon verde convivem lado a lado com a caixa das flautas doces e de bambu. Ele abre uma caixa e retira uma flauta bem miudinha que ganhou durante a viagem. Tira um som e conta que a batizou de Cheiroso em homenagem ao famoso bode de Recife. Uma outra, grande e toda diferente, é a Cabra. Ele conversa com seus instrumentos num tom que gente sensível usa para falar com as plantas. E me diz:

"Chegue pra cá que agora vou te dar um *furo*. Tá vendo isso? (um móvel antigo, empoeirado). É um harmônio. Chegou aqui anteontem, não foi nem estreado. Tem um som assim meio de igreja. Eu estava andando por um dos corredores do hotel lá em Montreux e vi um móvel estranho. Falei para aquele menino da Warner, o Midani: isso é um órgão. Chamamos um empregado do hotel que afirmou que não

era. Eu teimei. E era. Igual a esse aí que deve ter uns 80 anos. Comprei através de uma daquelas lojas de instrumentos da Rua Marechal Floriano. Quer ouvir?"

E eu lá queria outra coisa no mundo?

Hermeto abriu a tampa e um teclado, com três escalas, idêntico ao do piano, apareceu. Com os pés pressionando dois grandes pedais em madeira ligados ao fole, ele ia passando o ar necessário para fazer o som. Começou ensaiando um xote lento num tom sacro e grandioso. De repente, sapecou um *Tico-Tico no Fubá* com uma técnica verdadeiramente enlouquecedora. A emoção começou a subir, a esquentar as cabeças e, para disfarçar, demos mais um rápido giro no meio das escaletas, teclados elétricos, baixos, baterias, caixotes, latas de tinta, trave de percurssão. Conheci ainda a famosa mesa azul de fórmica, ela também um instrumento.

Por fim, o Mago das Alagoas abriu uma porta e entramos num quarto pequeno, anexo ao estúdio, onde brevemente será colocada a mesa de som (corte, mixagem etc.) e que vai ganhar também um painel envidraçado. Como nos estúdios completos de gravação. No momento este é o quarto dos *entulhos*. Mas, perto de um piano desmantelado em fase de restauração ("tirei uns oito ratos aí de dentro" — brinca Hermeto), travei conhecimento com a Bacia. Um tanto ou quanto avariada pelas viagens e constantes problemas alfandegários. ("Já pensou, os *home* vendo uma coisa dessas vão acreditar que é um instrumento musical?") Este instrumento, bolado por Hermeto e executado pelo *mano* e amigo, Manoel, é feito de uma bacia de alumínio comum, com cerca de um metro de diâmetro, cortada por dois travessões de madeira tosca. Num deles, estão estiradas oito cordas que traspassam a bacia através de furinhos e acabam nas cravelhas de afinação semelhantes às do violão. Eu arrisco um som; Hermeto morre de rir e explica que a Bacia fica presa a um suporte, e que dentro da *bichinha* vão ainda bolas de gude e água. Para tocar, ele usa um espremedor de limão. Naquele

quarto minúsculo o ambiente é mágico. A luz da manhã se firma. Mas há perguntas a fazer sobre este homem iluminado e que acende tantas outras pessoas que vivem ao seu redor.

Voltamos à sala do primeiro andar e eu me instalo no chão. ("Fátima, Fabíola, tragam almofadas.") Hermeto senta-se na poltrona ao meu lado. Enquanto ligo o gravador, dou uma olhada pela sala.

As paredes são forradas de papel rosa com motivos *cashmere* em dourado (ou será prateado?). As portas são laqueadas de azul-celeste; o grupo de estofados compõe-se de um sofá e duas poltronas, em tons marrom e bege. Há uma mesinha hexagonal no centro, com um jarro cheio de flores artificiais, em tecidos; a televisão em cores fica num canto e *posters* e fotos de Hermeto enfeitam as paredes entre uns arranjos de flores de plástico. É só.

Para começar, foi assim que Hermeto viu o sucesso fora de qualquer gibi, obtido em julho passado, no Festival de Jazz de Montreux:

"É o seguinte: quando a pessoa está com frio você tem que dar um lençol conforme. O lençol fomos nós. Nós esquentamos a rapaziada com o som. Eu acho que não tem diferença de público, sabe. O público é sempre a mesma coisa, depende do trabalho que a gente apresenta. Ele quer ouvir coisas novas. E acho que foi isso que aconteceu. Aconteceu na Suíça, aconteceu no Japão também. Eram 10 mil japoneses vibrando. Os negos até pularam lá. A japonesada pulou. Eles pularam muito foi com a cabeça primeiro, pensando. Isto é que é importante: ouvir música."

Hermeto costuma repetir em suas entrevistas que a música que faz não é para dançar. Mas argumentei que mesmo entendendo o trabalho que ele e o seu grupo apresentam,com a máxima concentração, é impossível, a partir de dado momento, não se *sacudir o esqueleto*.

"Mas antes, tenho certeza de que as pessoas pensam muito. Não é aquele negócio que a pessoa ouve e já *cumeça* dançar. É um remelexo que vem de dentro para fora. A música que fazemos não deixa realmente ficar parado. Mas bole mentalmente, em primeiro lugar. Olha, na Suíça eu improvisei umas coisas com a voz, como sempre faço. Conversei com o público em português, fiz uma música para Montreux. No fim da reportagem vou botar a fita para você. Me inspirou demais o lugar, o lago. Poucos lugares são lindos como Montreux. Me inspirou tanta plantação. Plantação até em cima dos morros! Aí fiz a música para flauta, piano e baixo. Tocamos eu, Jovino e Itiberê."

Aproveito a deixa para perguntar pela formação deste grupo atual, que muitos sabem ser sua segunda família. Como vivem e trabalham estes meninos ainda na faixa dos 20 anos? Sei que formam uma espécie de comunidade também. Mas vamos lá:

"Menina, o grupo é uma s-a-l-a-d-a (e saboreia mesmo esta palavra). A Zabelê é mineira, toca violão, percussão e faz o vocal também. Ela é casada com Nenen, gaúcho que transa bateria, piano e percussão. Os dois moram na segunda rua à direita daqui; o Itiberê toca contra-

DICAS

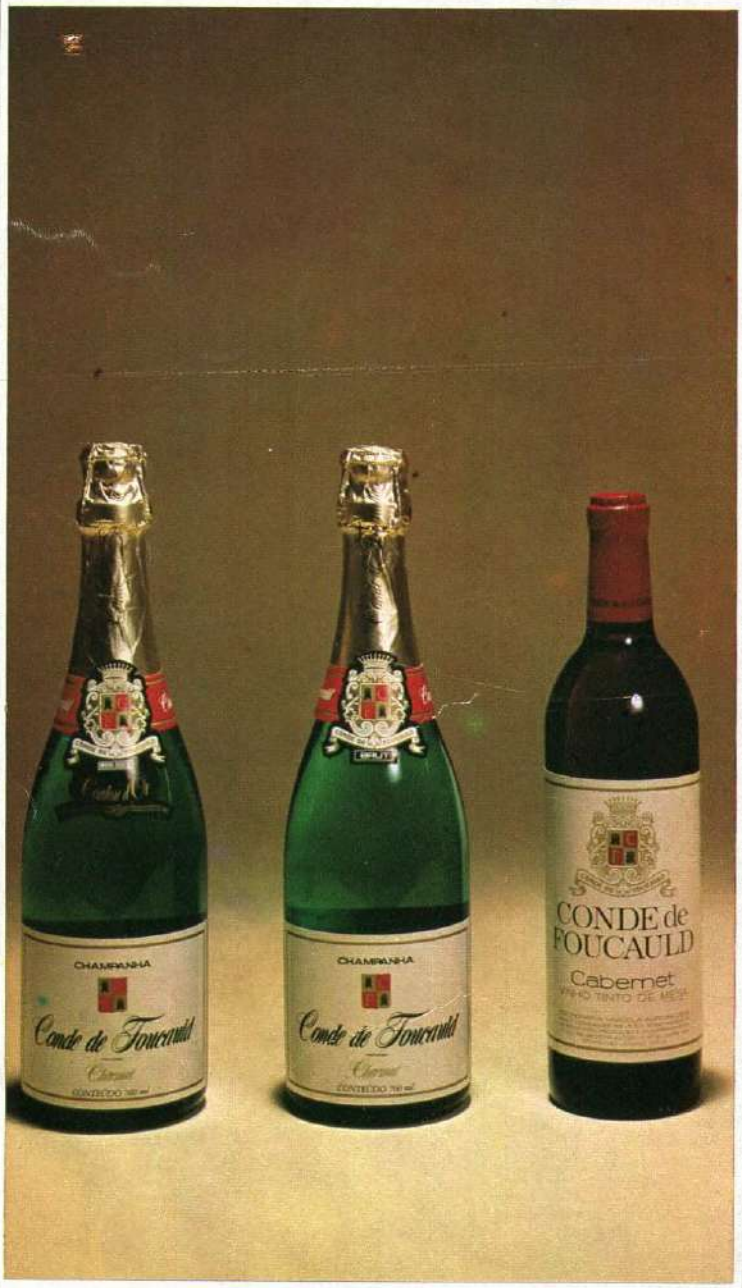
Sanyo em altíssima fidelidade

O radiogravador Sanyo M-2422N reúne as mais recentes inovações do setor da eletrônica. Possui três potentes faixas de onda e dispõe de dispositivo eletrônico que desliga o radiogravador automaticamente após um intervalo de tempo predeterminado, o *Sleep Timer*. O Dynamic Speaker Mylar Sistem é outra inovação no seu alto-falante, que proporciona resposta de freqüência com uma fidelidade impressionante. Possui ainda soquete auxiliar para acoplamento do aparelho com qualquer outro equipamento externo (gravador, toca-discos, *tape-deck*, TV, rádio e outros).

Gostosíssimos

Se o negócio é dançar *puladinho*, três lançamentos merecem destaque: *O Fino da Gafieira* (Clack), *Gafieira* (Top Tape) e *Grupo do Chapéu de Palha* (Copacabana). Outro bom lançamento é *Back To The Egg*, do ex-Beatle Paul McCartney e seus *Wings* (Emy-Odeon). Aguardem o novo LP de Jorge Ben (Som Livre), que está pintando um barato. E enquanto isso curta *Jazz Stars*, um álbum duplo com os excelentes McCoy Tyner, piano, Ron Carter, bateria, Sonny Rollins, sax-tenor e soprano, e Al Foster, bateria, gravado ao vivo e lançado no Brasil pela Top Tape.

Vinhos & champanhas para gente fina



Entre os produtos da Cooperativa Vinícola Aurora destaca-se a linha de vinhos finos Conde de Foucald. Além do tipo Cabernet, há também os champanhas Brut e Cordon D'Or (meio doce). É bom lembrar que a Vinícola Aurora também produz os vinhos Johannesberg tipo Riesling, lançado no ano passado, e seu vinho Rosé Costebel. A adega da Vinícola Aurora fica em Bento Gonçalves, origem dos melhores vinhos nacionais.

Bons sopros o tragam

Algumas vezes, uma dor de dentes que não o deixa viver nada tem a ver com os dentes, mas sim com as gengivas inflamadas. O recente lançamento dos Laboratórios Anakol, *Kolynos Clorofila com Nova Fórmula*, previne a formação da placa bacteriana, causadora dos grandes males das gengivas. E como prevenir é sempre melhor do que remediar...

jazz

CHET BAKER A TROMBETA DO APOCALIPSE

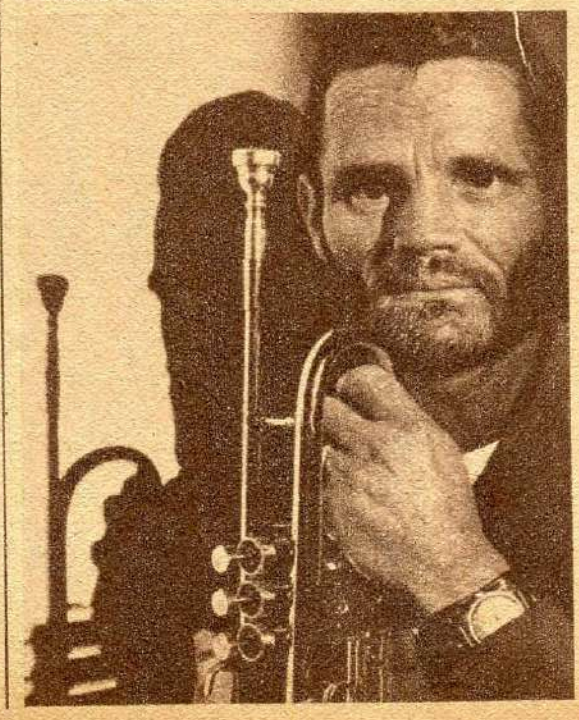
Roberto Muggiati

Rosto de querubim, topete Elvis, físico de quem jogou futebol na universidade, aparência saudável de garoto que toma seu copo de leite toda manhã. Chesney H. Baker é o típico jovem da Califórnia quando a fama o pega de surpresa. Ele tem 22 anos em 1952 e acaba de conquistar a América com seu solo de trompete na gravação de *My Funny Valentine* pelo quarteto de Gerry Mulligan. Meses antes tivera a glória, concedida a poucos, de ser escolhido para tocar com o genial Charlie Parker, em sua temporada no Tiffany's de Los Angeles. Sua associação com Mulligan dura pouco e Chet procura ampliar seus próprios horizontes: forma seu quarteto, aperfeiçoa o som já inconfundível de seu trompete, começa a cantar. "Como cantor tem voz fraca, mas atrai o público feminino" — é a crítica um tanto radical de Leonard Feather. Na verdade, Chet não tem vergonha de cantar como Billie Holiday, de uma maneira feminina, assumindo sua *anima*, como diriam os junguianos da década seguinte.

Mas o mundo da música é cheio de arestas e o *jazz*, em particular, encerra terríveis conflitos raciais e existenciais, até então latentes. O branco toca a música do negro com um complexo de culpa imenso. Chet lembra muito a figura trágica de Bix Beiderbecke, o *young man with a horn* da década de 1920, herói fitzgeraldiano que troca os estudos pela música, grava alguns solos fabulosos e morre de *delirium tremens* aos 28 anos. O fantasma da droga começa a rondar toda esta jovem geração do *cool jazz*, o estilo descontraído da Costa Oeste. Um episódio que envolve Stan Getz, na época com 26 anos, é sintomático. O próprio Getz conta tudo numa carta de abril de 1954 aos editores da revista *Downbeat:*

"O que aconteceu em Seattle era inevitável. Eu chegando ao fim da linha. Não devia me refugiar nos narcóticos enquanto trabalhava e viajava. Com a ajuda de barbitúricos pensei que tudo ficaria bem. Seattle era o oitavo dia da excursão e eu não agüentava mais. Entrei numa *drugstore* e pedi alguns narcóticos. Disse que tinha uma arma (não tinha). A senhora atrás do balcão evidentemente não acreditou que eu levasse uma arma e contou a outro freguês. Este deu uma boa olhada para mim e disse: "Ele está brincando. Não tem arma nenhuma." Acho que eu não sabia desempenhar o papel. Tendo fracassado, deixei a loja e fui para o hotel. No quarto, decidi telefonar para a *drugstore* e pedir desculpas. A chamada foi localizada pela polícia e seguiu-se a minha prisão. Meu *envenenamento por drogas* foram quatro gramas de um barbitúrico de ação prolongada que tomei a caminho da cadeia. Eu estava farto de mim mesmo e de minhas palhaçadas. Quando saí do coma três dias depois, com um tubo enfiado na minha traquéia, percebi que os médicos tinham outras idéias."

Para a geração de Chet, o sonho america-



Chet Baker em dois tempos: nos 1950, a década de ouro do *cool jazz*, e nos anos 70, lutando contra seus fantasmas para reconstruir a carreira.

no começa a transformar-se em pesadelo. James Dean, o símbolo dessa época, morre de excesso de velocidade. (Não foi por acaso que Chet Baker gravou o tema musical do filme *The James Dean Story*). Em Paris, seu pianista, Dick Twardzik, morre aos 24 anos de excesso de droga nos bastidores do teatro onde o grupo de Chet se apresentava. E o próprio Baker não escapa. A partir daí, parece mais uma ficha policial do que uma biografia. Em 1957, primeira tentativa para se livrar das drogas. Interna-se numa clínica italiana e sai aparentemente recuperado. Mas basta um pequeno incidente para começar tudo de novo. No aeroporto de Nápoles, roubam-lhe o trompete. Corre desesperado a um comissário de polícia. Este, incapaz de compreender o drama de Chet e seu ítalo-inglês, responde grosseiramente: "Ora esta. Com tanta coisa que roubam em Nápoles você vem me falar de um trompete! Compre outro..." A mulher o deixa, a bela morena Halema. Um dia o encontram desacordado no banheiro de um posto de gasolina, o braço ensangüentado de pico. No verão de 1960 a polícia o apanha com algumas cápsulas de anfetaminas. Passa um ano e meio na prisão, em Lucca, cidade natal de Giacomo Puccini.

Viajando pela Itália no verão de 1961 acompanho nos jornais o Caso Baker. Lucca é toda cercada por amuradas, construídas no século XVI, sobre as quais se pode caminhar e ter uma visão privilegiada da cidade. Dentro deste círculo de pedra está um punhado de igrejas, jóias da arquitetura romântica toscana, mas o turista passa ao largo, mais interessado na Torre de Pisa. Lá dentro, em algum lugar, Chet Baker está preso e, o que é pior, não o deixam tocar o seu trompete. Em setembro, um tribunal de Florença vai julgar uma apelação da sentença. Vou ver Chet pela primeira vez, não sobre um palco fazendo música, mas de terno e gravata diante de juízes togados, ouvindo uma cantilena cheia de latinismos e literatices, para finalmente saber que seu apelo foi indeferido. Mais alguns meses de cárcere.

A década de 60 Chet a passa quase toda vagando de país em país, envolvido em complicações com as polícias italiana, alemã, francesa e americana, entrando e saindo de clínicas para drogados. Em 1968, é espancado por viciados em San Francisco e tem os dentes do maxilar superior afundados; a droga já levou os outros e ele tem de recomeçar do zero, reconstruir sua embocadura e o belo som de trompete com uma dentadura.

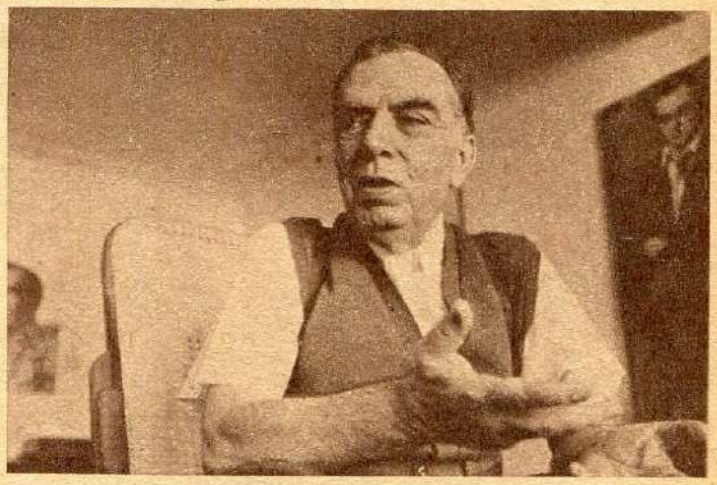
Nos anos 70 tem início a sua longa volta, ajudado pela terceira mulher, a inglesa Carol Jackson, que o acompanha desde 1961. Em 1977, um álbum importante para Chet, *You Can't Go Home Again*. O título é inspirado no romance de Thomas Wolfe, que morreu em 1938. Wolfe é citado nas notas de capa: "Eu não sabia que, se um homem tem realmente em si o desejo e a capacidade de criar, o poder de crescer e amadurecer em sua arte, eu não sabia que ele não vai trilhar uma estrada fácil."

Com o *boom* por que passa o *jazz* no mundo inteiro, os discos de Chet Baker — quase cinqüenta — estão sendo reeditados e ele volta a se apresentar em público. No Brasil, só é possível ouvi-lo nos álbuns *Gerry Mulligan Tentette* (Capitol Jazz Classics), gravado em Hollywood em 1953, e *Chet Baker Sextet & Quartet* (Imagem), feito na Itália em 1959. Atenção, gravadoras. Faz falta nestes tempos de crise o som de um trompete lírico, improvisando livremente como o de Chet Baker. ●

livros

MAIS LIVROS E MENOS TREVAS

Mauro Gama



Duas obras que se esgotam sozinhas: *O Teatro de Nélson Rodrigues: Uma Realidade em Agonia*, de Ronaldo Lima Lins, e *Milagre no Brasil*, de Augusto Boal.

continuação da página 56

tantos foram os encontros que ele comparecia para atender os políticos, servindo bebidas, limpando cinzeiros e apresentando o menu.

"A noite mudou muito. Antigamente, a maior causa das brigas era por causa de mulher. Hoje, elas estão mais evoluídas e se alguém solta um galanteio, ela sorri, devolve a brincadeira e vai sentar ao lado do marido. Os jovens também não estão mais naquela do sabem-quem-sou-eu? Preferem se divertir a curtir o seu *status*."

Sobre esta figura amorfa, pouco estudada, que se convencionou chamar de alta sociedade, Lacerda diz:

"O pessoal grã-fino quer sempre a melhor mesa. Mas se o ambiente não estiver para eles, vão embora. Gostam de ficar conversando em grupo homogêneo. Eu ensino os meus homens que é preciso sentar bem os *habitués*. Favorecer o encontro de grupos que se dão, evitar aproximação entre pessoas que não se falam. Sentar bem é o segredo de qualquer casa.

No ano passado, seis pessoas gastaram 58 mil cruzeiros num jantar regado a champanhe francês, com muito caviar e salmão. E ainda sobrou muita gorjeta para os funcionários da casa. Isso é comum. Como comum é a atitude dos que estão querendo entrar na panelinha. Chegam, abraçam o *maître*, o garçom, fazem a maior festa, distribuem gorjeta à vontade. Tudo para conseguirem ambiente.

O Hippopotamus é fechado. Então, é preciso controlar quem entra, mesmo agora que estamos passando um período de pouco dinheiro, porque a diversão é a primeira coisa que a pessoa corta quando a inflação acelera. Pois bem, existem alguns que chegam, pedem mesa e eu deixo esperando. Questão de psicologia, já que sei de quem se trata. Até que ele se aproxima e diz que está disposto a abrir um champanhe francês. Aí, ele entra. Eu sei quem gasta e os que querem apenas entrar só para fazer número."

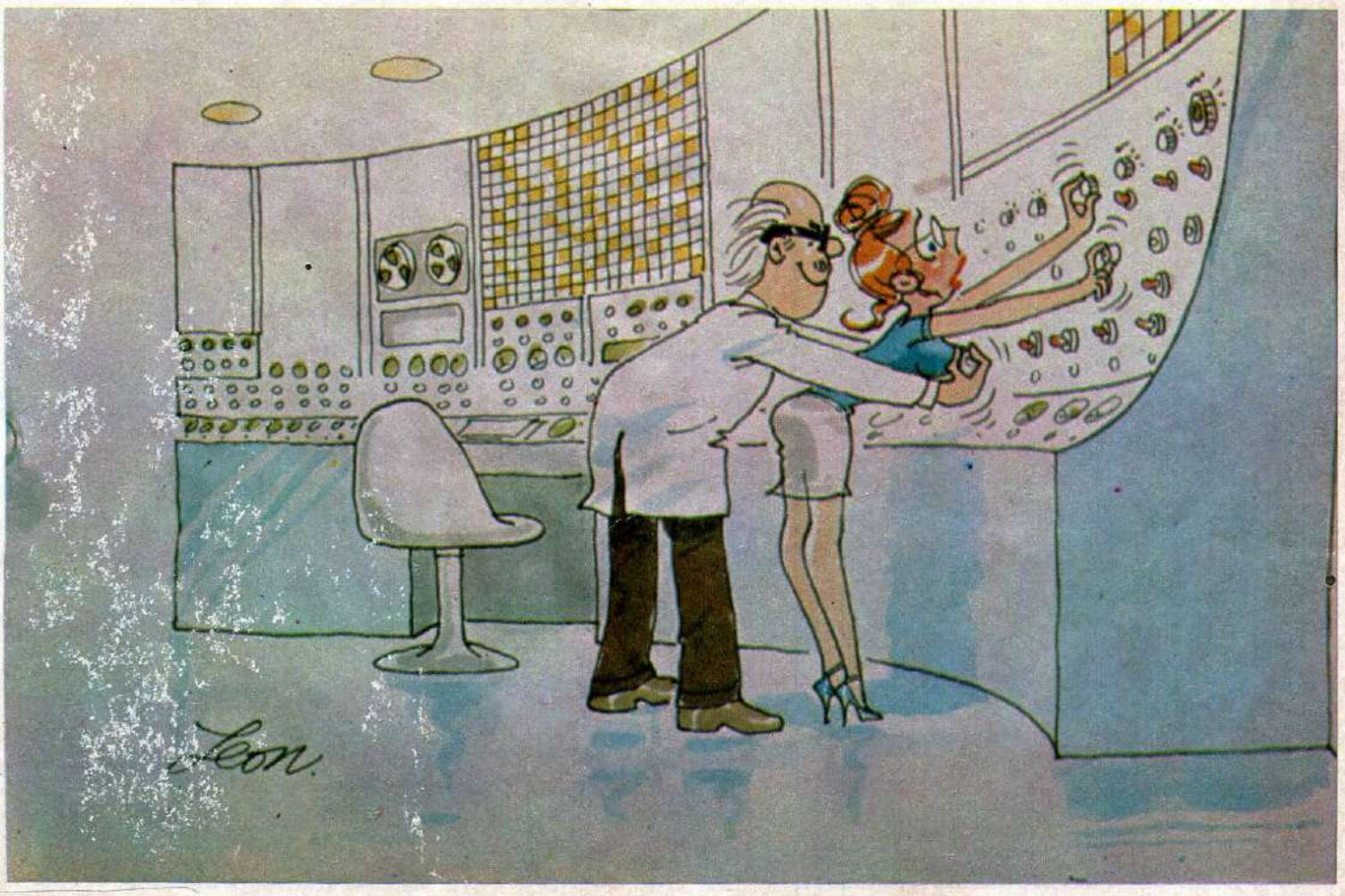
"Nós vendemos ilusões" — Lacerda diz com ironia no sorriso. — "Quando eu tiro o *smoking*, tiro a máscara. E peço aos meus funcionários que não se iludam também. Certos garçons querem gastar mais do que podem. Dão 100 cruzeiros de gorjeta ao invés de dar 10. Eles acabam se contagiando com o ambiente onde trabalham."

E quanto ganha o Lacerda? 100, 200 mil, conforme chegaram a anunciar numa coluna social? Ele explica o boato:

"Isso começou numa cerimônia de formatura no Senac, onde fui paraninfo. Em dado momento, o Ricardo Amaral pediu a palavra e me citou como exemplo de profissional bem-sucedido e falou uma cifra bem impressionante. As pessoas que estavam ali dentro até se assustaram."

E conclui com uma historinha:

"A noite é que nem aquela piada: "Pra onde você vai?" pergunta um. "Eu vou prá festa!" — responde o outro todo animado. Mais tarde, os dois se encontram. "De onde você vem?" E, em tom bem baixinho, vem a resposta: "Eu vim da festa..." ●

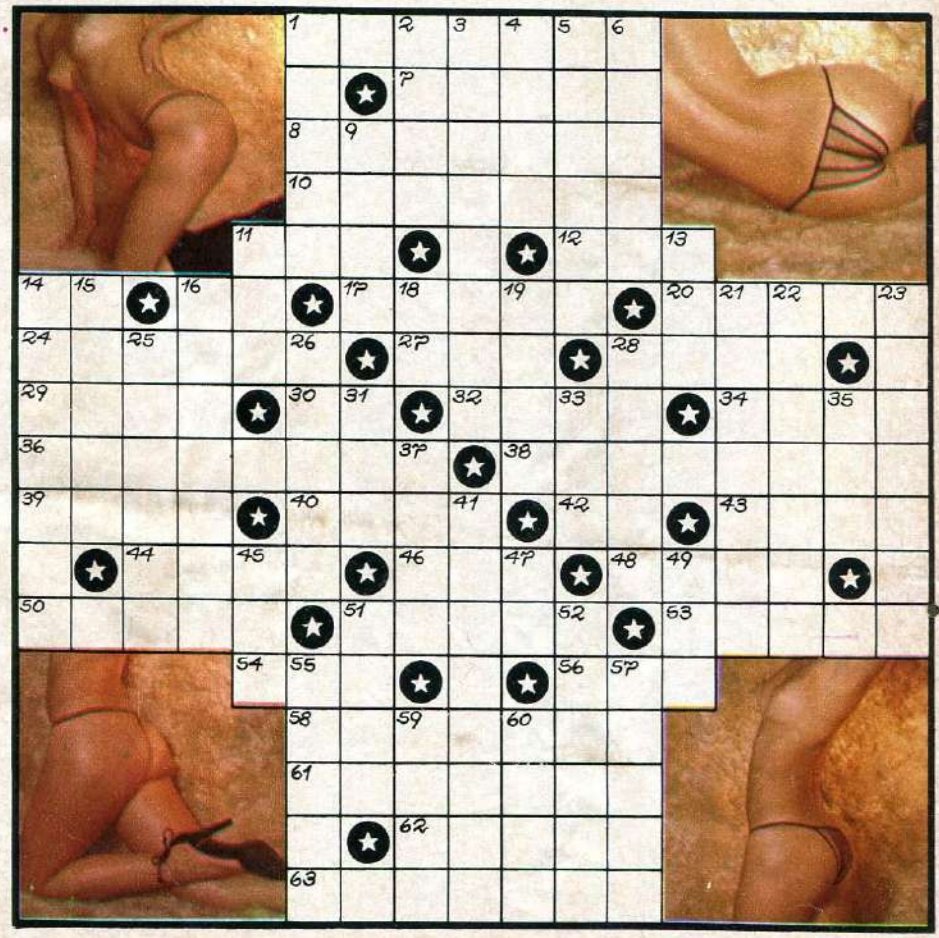


PALAVRAS CRUZADAS

Sylvio Alves

★*Horizontais:* 1. Cuidais de. 7 (Fig.) Tirania. 8. Nome p. masculino. 10. Ato de *melhorar*. 11. (Fig.) Doçura, suavidade. 12. Pedra do altar. 14. Terceira nota musical. 16. Símbolo do gálio. 17. Naipe de cartas de jogar. 20. Comeis pecados. 24. Desejo violento de possuir o bem alheio. 27. Gargalhar. 28. Pôr na balança para conhecer o *peso*. 29. Nome dado aos franceses pelos selvagens brasileiros. 30. Símbolo do estanho. 32. A roça. 34. Punhal malaio. 36. Tornai claro. 38. Tiveras *sonhos* 39. Escavação. 40. Vertigem. 42. Símbolo do astatine. 43. Prefixo: *metade*. 44. Espaço de doze meses pl. 46. Aranha amazônica. 48. (Fig.) Pretexto ensejo. 50. Planta da fam. das Amarilidáceas. 51. Metal símbolo *Ag*. 53. *Mãe-d'água*, pl. 54. Entregai. 56. Prefixo: *repetição*. 58. Meninas. 61. De *asno*. 62. Paul. 63. Dera o tratamento de *vós* a (alguém).

★*Verticais:* 1. Arme; enrede. 2. Ligeiro. 3. Massa alimentícia em forma de tiras. 4. Arma de atirar setas. 5. *Papa-mel*, pl. 6. Sanar. 9. Cubro com *mel*.11. Abrev. de *major*. 13. *Vitória-régia*. 14. Arte de exprimir o pensamento por meio de gestos pl. 15. Aspiro. 16. Do povo dos *germanos* fem. 18. Cidade da Caldéia. 19. Fazes *orações*. 21. De que há pouco; rara. 22. Ocasionar; *acarretar*. 23. O redentor prometido no Antigo Testamento. 25. Mulher a quem morreu o marido e que não contraiu novas núpcias, pl. 26. Burros. 28. Extremidade. 31. Navio de combate.33. Sirga reboque. 35. Caminhavam. 37 Causar *ira* a. 41. Nome de um dos estados do Brasil. 45. Palavra inglesa: *velho*. 47. (Gír.ingl.) Charme; encanto. 49. Cidade da Iugoslávia. 51. Lavatórios. 52. Refrescar movendo *abano* ou leque. 55. Variedade de Calcedônia. 57 Separa; deixa só. 59. Ato ou efeito de *rir;* alegria. 60. Qualquer mulher.



RESPOSTA DO NÚMERO ANTERIOR

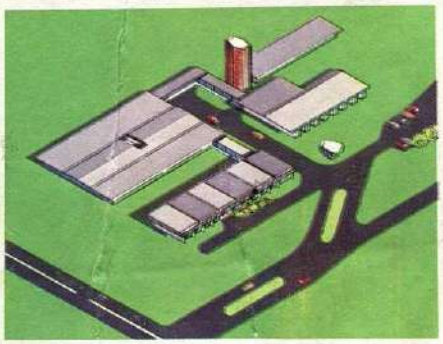
M	O	N	O	C	O	T	I	L	E	D	O	N	E	A	S
E	R	•	B	A	R	A	T	A	S	•	R	E	V	•	I
A	G	A	S	T	A	M	•	I	T	A	L	I	A	N	A
R	A	T	•	A	D	A	R	•	A	T	A	•	S	I	M
I	S	A	R	•	A	R	I	S	C	O	•	T	I	V	E
A	M	I	A	L	•	A	S	I	A	•	N	A	V	E	S
•	O	S	S	O	S	•	C	R	•	B	O	C	A	L	•
B	S	•	P	A	R	N	A	I	B	A	N	A	•	A	N
E	•	S	A	•	A	S	S	O	A	R	•	D	E	•	A
!	B	E	R	A								G	A	R	O	S
J	U	R	A									I	S	O	L	A
A	F	E	•									R	•	T	I	L
M	A	N	A	R								A	V	I	V	A
O	L	A	D	A								F	I	C	A	R
S	O	R	O	R								A	L	A	L	A

A Orient apresenta seu novo programa:

a Hora do Brasil.

Diretamente de Manaus para todo o Brasil estão saindo os mais afamados relógios do mundo: Orient. Ou, como já se diz no Brasil, Orientô. Mas não é porque a Orient acaba de se naturalizar brasileira que ela vai abandonar as suas tradições. Os relógios Orient, que serão produzidos na Zona Franca de Manaus, terão o mesmo requinte no design e a mesma tecnologia avançada que faz anualmente dezenas de milhões de pessoas, em 120 países, darem preferência à marca Orient.

A mesma qualidade micromecânica e a mesma precisão eletrônica que consagraram os



relógios Orient vão estar no pulso de todos os brasileiros pontuais. Para poder garantir a qualidade, a Orient produzirá seus relógios em modernissimas instalações e com os mais sofisticados equipamentos existentes.

Por isso eles continuam com o mesmo certificado de garantia e a mesma garantia de assistência técnica em todo o país.

Você não vai notar nenhuma diferença nos modelos Orient produzidos aqui. Porque, segundo a segundo, eles estarão registrando as horas mais importantes dos brasileiros. Pontualmente.

ORIENT
RELÓGIOS DA AMAZÔNIA

Carlton.Um raro prazer.
Tão raro quanto ouvir uma
boa música.
20
CARLTON
KING SIZE FILTRO
Qualidade Souza Cruz